

Dom Rafael Llano Cifuentes

A Juventude e a força do amor



Editora Canção Nova



A juventude: uma qualidade da alma

Ao escrever estas linhas, caríssimo jovem, já entrei sobejamente na faixa chamada de “terceira idade”. Contudo, graças a Deus, não perdi a vibração da juventude. Por isso, entre outras razões, estou plenamente convencido de que a juventude não é uma época da vida, mas uma qualidade da alma.

Mas se é uma qualidade da alma, qual será a medida para avaliá-la? O tempo físico? O tempo biológico?

Não. Não me cabe na cabeça que uma qualidade do espírito esteja subordinada à sucessão dos dias e dos anos, que algo tão íntimo dependa das voltas que, porventura, possa dar a Terra em torno do Sol. Nem sequer posso admitir que esteja condicionada ao estado biológico das células, glândulas e tecidos do meu organismo. O corpo doente, pesado, amarrado a uma cama, pode estar unido a uma alma tensa, desperta, juvenilmente vivaz.

Qual seria então o módulo para computar a juventude? Responderia, sem duvidar: a esperança num grande amor. Essa é a quintessência da juventude.

É *jovem* aquele que tem muito futuro. Aquele em quem o futuro vive na forma de esperança; aquele que sabe rasgar em sua alma perspectivas e ideais; que sabe servir-se do passado e do presente como trampolim para o futuro.

É *velho* aquele para quem o passado pesa mais que o futuro. É *velho* aquele que tem como horizonte vital as mesquinhas necessidades utilitárias do imediato. É *velho* um homem de futuro morto.

O *jovem* vive de esperanças.

O *velho* perde a vida nas lembranças.

A *juventude* é uma intensidade vital lançada para frente. Um desejo profundo de realização e de amor criado e recriado a cada dia. Uma tensão

voltada à realização de um amor que absorve todas as energias do coração. É como um vetor de força anímica.

A *velhice* é uma situação do espírito que deserta do futuro, um compromisso imobilizante com o passado, uma resignada aceitação do presente. Uma vocação humana malograda. Um ideal de amor abortado.

A juventude se define pelo otimismo. O pessimismo configura a velhice.

Por isso, bem podemos dar razão à frase daquele velho general da Segunda Guerra Mundial: “os anos enrugam a pele, mas perder o ideal enruga a alma”. E também dizer que o mundo está repleto de jovens sem juventude e de velhos que transbordam jovialidade.

Você nunca reparou na sombra de tédio, de pessimismo, de precoce fim que marcha atrás de um jovem de dezoito anos? Nem se defrontou com a surpresa esplêndida de um homem ou de uma mulher de oitenta anos em plena juventude de espírito: a alma tensa, a vista fitando o alto mar das suas esperanças, as mãos ferrenhamente firmadas no leme da vida?

Agora, cada um de nós pode responder adequadamente a uma pergunta: sou jovem ou velho?

Qual é o panorama íntimo do meu coração?

Acredito no segredo de plenitude, de felicidade, de amor ainda não desvendado que levo escondido no centro solene da minha alma?

Tenho fé na perfeição potencial que fervilha inquieta no âmago do meu ser?

Entendo as palavras de Schiller, que me dizem: “no fundo do teu peito levas as estrelas do teu destino?”

Creio firmemente na infinita bondade de Deus, que, ao me criar, deu-me uma eterna vocação de amor e com ela não me deixa de dar os meios adequados para atingi-la? Compreendo que Deus não me criou para ser um homem frustrado?

Quando Deus me faz vislumbrar uma perspectiva nova, mais alta e perfeita, tenho a generosidade suficiente para me desprender do lastro dos

meus sonhos, talvez mais humanos e materialistas, para me aventurar em um projeto de amor, que, por ser divino, é por isso mesmo grandioso?

Possuo o ideal de um grande amor?

Quais as nossas respostas para essas perguntas? Não viremos a página, pensando: vou deixar para outro dia; não encolhamos os ombros com um gesto de indiferença; não nos conformemos com uma resposta ambígua ou imprecisa, porque nossa atitude diante dessas questões determinará o grau da nossa vitalidade juvenil ou decadência senil.

1. A perda da juventude: a falta de esperança

Como se envelhece? Como se perde a juventude? Em primeiro lugar, quando falta a esperança; quando se assume uma atitude errada perante as contrariedades; em outras palavras, quando não se tem a capacidade de superar e aproveitar em benefício próprio as chamadas “experiências negativas” do passado que, desse modo, provocam uma decepção ou uma inibição com relação ao futuro; essas experiências mal assimiladas chegam a pesar como um fardo que diminui a agilidade, que impele a vida rumo ao futuro: são as experiências que matam as esperanças.

Alguns exemplos podem ser apresentados. Um estudante que se preparou para o vestibular sem um grande empenho e foi reprovado poderia tirar a conclusão apressada e negativa de que não é capaz de atingir um nível universitário. Então desanima. Substitui seu projeto por outras alternativas: empregar-se no comércio, montar um pequeno negócio de rua, trabalhar como vendedor... O que aconteceu? Morreu nele um ideal grande e bonito; uma fibra importante do seu coração – a profissional – esclerosou-se, comprometendo a vibração do entusiasmo profissional. Ficou um pouco mais velho.

Lembro-me agora de uma moça que começou o namoro com uma animação empolgante. Alguns meses depois, o rapaz largou-a inesperadamente. Ficou arrasada. Perdeu o apetite. Já se imaginava convertida numa “solteirona”. Choramava com facilidade, lembrando a velha música: “Ninguém me ama... ninguém me quer...”. Ficou triste e começou a descuidar o arranjo pessoal. Procurou-me e tive que falar com ela seriamente: “Se continuar desse jeito, realmente vai converter-se numa ‘titia’ inveterada; reaviva fortemente na sua oração a esperança: há muitos rapazes que gostariam de namorar você; saiba oferecer a Deus essa contrariedade”.

Aos poucos, ela foi mudando. Voltou a comportar-se normalmente, a arrumar-se bem, a frequentar as reuniões de sempre, a esforçar-se por sorrir... Pouco tempo depois, começou a namorar um rapaz que valia muito mais do que o anterior. Aprendeu uma grande lição: ao renovar a *esperança*, renovou a juventude. Caso contrário, teria deixado esclerosar essa outra fibra afetiva do coração, a da paixão de namorados.

Outro rapaz – recordo-o muito bem – saiu bastante disposto de uns dias de retiro espiritual: tentou uma briosa renovação interior, fez propósitos concretos... Mas, poucas semanas depois, reparou que voltava a cair na mesma situação de antes. E desanimou. Pensou que o ideal cristão era válido na teoria, “mas que na prática a teoria é outra”, como comentava ironicamente com desalento.

Que aconteceu nesses casos?

Aconteceu que a pessoa se tornou um pouco mais velha. Velha numa determinada dimensão: a profissional, a social e afetiva ou a religiosa...

Tornou-se mais velha, porque perdeu a esperança, porque se desesperou antes do tempo, porque diminuiu a coragem na luta e deixou de pôr em prática o que com perseverança teria provavelmente redundado num feliz sucesso: alguma fibra de seu coração morreu para o futuro e para o amor.

E se esse fenômeno repete-se sucessivamente numa mesma pessoa, comprometendo diferentes núcleos de sua personalidade; o seu espírito vai, pouco a pouco, se ancilosando, sofrendo um endurecimento progressivo. As fibras da alma, uma a uma – a intelectual, a afetiva, a profissional, a social, a religiosa – vão paulatinamente se esclerosando e, por dentro, deparamo-nos – ainda que só tenha dezoito anos! – com a alma de uma pessoa velha: enrugada, murcha, passada, caduca.

Cada vez que uma pessoa aninhar em seu coração um sentimento de derrotismo, de incapacidade, de pessimismo, cada vez que abrigar e assimilar um pensamento de autocompaixão, um complexo de inferioridade,

um triste saudosismo, deveria escutar uma voz íntima a lhe dizer, num murmúrio de confiança, a mesma frase: “Estás ficando velho!”

Cada lamentação, mágoa, rancor, queixa que incorporamos negativamente à nossa personalidade faz crescer em um centímetro nossa corcunda de velhos. Uma corcunda que pesa nas costas do nosso passado e nos impede de correr para os projetos do futuro.

Li, há tempos, uma interessante crônica na *Folha de São Paulo*. Numa cidadezinha do interior, uma professora estadual enviuvou de um conhecido vereador chamado Tobias, a quem amava muito. Ficou arrasada. Os amigos, ao verem-na nesse estado, fizeram uma vaquinha e deram-lhe um austero busto de madeira com a figura de Tobias que foi colocado solenemente na sala. Todos os dias a moça era vista depositando flores na tumba de seu amado. Eis então que começou a aparecer no cemitério outro viúvo, triste e enlutado, que perto da professorinha chorava também seu amor perdido. As coincidências se repetiram. Travaram amizade. A professora, um belo dia, foi seguida pelo seu triste companheiro de aflições até a casa onde morava. Foi convidado a tomar um cafezinho. Na sala, o visitante encontrou o rosto de Tobias, que o fuzilava com o olhar: “O que você está fazendo aqui?”, parecia lhe perguntar. As visitas se reiteravam. A amizade crescia. Mas entre os dois havia algo que os distanciava: o olhar severo de Tobias. Um dia, Maria – a empregada – disse que não faria o café porque faltava lenha (a cozinha naquela antiga casa do interior tinha evidentemente um fogão a lenha). Faltando lenha, não haveria café; faltando café, a conversa não se justificava. De repente a empregada ouviu uma voz cava que saiu do fundo da garganta da professorinha:

– Maria, racha o Tobias!

– Que disse a senhora? Que faça lenha com o busto do Tobias?

– Isso mesmo! – repetiu de forma incrivelmente decidida a jovem viúva – Racha o Tobias!

A partir daquele momento, a sombra agourenta de Tobias desapareceu... A amizade virou namoro e o namoro, casamento.

Hoje, pode-se ver nessa cidadezinha do interior um casal muito feliz que todos os dias à tardinha dá um passeio à beira do rio, acompanhado de uma criança, seu filhinho, que alegremente corre por aquelas campinas.

Essa história tornou-se para mim como um símbolo. A partir dela, poderíamos nos perguntar: qual é o seu “Tobias”? Qual é a sombra que paira na sua vida? Que mágoa, decepção, medo, derrota o prende ao passado? Que complexo, nostalgia, rancor, frustração o impede de correr agilmente para o futuro? “Racha o Tobias!” é o que deveríamos ouvir gritar a nossa consciência.

Se queremos ser jovens, não podemos carregar os mortos do passado. Jesus nos diz no Evangelho: “deixa que os mortos enterrem seus mortos; vem e segue-me”. Seguir o Senhor, livres dos mortos do passado – liberados do peso da nossa corcunda –, ligeiros como os atletas, correndo livremente para o ideal do nosso futuro amor.

Racha o “Tobias”, o “Tobias” que o torna um velho decrepito e passa a viver livre dos fantasmas do passado. Mas para isso é preciso aprender a se renovar, ou melhor, aprender a tirar experiências das quedas, dos impulsos e fracassos.

2. As experiências que envelhecem

Os fracassos envelhecem na medida em que nos tiram as esperanças.

Não é certo que todas as pessoas sofrem decepções, contrariedades, infortúnios? Também não é certo que, perante eles, uns desanimam e outros se agigantam; para uns representam uma muralha intransponível e para outros, um desafio?

Para um homem velho de espírito, a dificuldade é como aquela camada a mais na corcunda da sua vida. O velho resigna-se, entrega-se como bode expiatório no altar do fatalismo. Desconhece que o homem é um eterno aprendiz de homem e que a contrariedade é a cátedra onde se ensina a sabedoria da vida.

Assim fala o homem velho: “coração, aprende para sempre esta lição: não espera nada do futuro; coração, não cria novos ideais, viva apenas do que apalpas com as mãos: ‘bem-aventurados os que não esperam, porque não serão desesperados’”.

Para um homem de espírito jovem, ao contrário, o fracasso delimita o ideal, mas não o abala; dá-lhe uma medida da sua própria capacidade, mas não o desanima; faz que ganhe em humildade, sem perder os brios; aumenta sua experiência, sem diminuir sua esperança.

Para um cristão, na plena acepção da palavra, o que se chama fracasso deve ser sempre um acontecimento episódico, que não o leva à frustração, mas à renovação da sua luta a partir de uma nova base de experiência.

Sim, uma experiência que não mata a esperança. Uma experiência que revela os limites das suas verdadeiras forças agigantadas artificialmente, talvez, por presunçosa vaidade. Uma experiência que lhe ensina – como escreve André Maurois – “que os grandes efeitos devem esperar-se não dos grandes entusiasmos e discursos, ou das grandes palavras, mas dos grandes trabalhos e das grandes virtudes”¹. Uma experiência que mostra a maneira

de ser menos imprudente e mais humilde e esforçado, como se indiretamente ouvíssemos os ensinamentos de Deus, que nos fala por meio dos acontecimentos: “Você entende? Poderia ter sido pior; poderia ter caído mais baixo. Cuidado, da próxima vez tem que tomar esta e aquela providência”... Uma experiência que leva a ser mais maduro e menos ingênuo, e a conseguir “a simplicidade das pombas e a astúcia das serpentes” (cf. Mt 10,16). Uma experiência que nos inclina a nos deixarmos guiar por aqueles que, por seu estado e ciência, representam para nós o conselho de Deus. Uma experiência, em definitivo, que, longe de nos desanimar, torna-nos mais seguro o caminhar e fundamenta os alicerces do nosso otimismo.

Assim se chega à maturidade do ancião sem se perder o entusiasmo do jovem e a ser *veterano* sem perder a juventude: *Super senes intellexi quia mandata sua quaesivi* (Ps. 118) – “entendi mais que os anciãos por seguir, Senhor, os teus conselhos”. Assim, o homem jovem aprende a filtrar, de cada acontecimento, só o que o ajuda a percorrer melhor o seu caminho, como faz um bom marinheiro que – atento ao seu porto de destino, ao seu ideal – é capaz de aproveitar a seu favor até os ventos contrários.

Sim, o homem jovem que segue os conselhos do Senhor aprende uma sabedoria que ultrapassa a sua idade. Ele *sabe* muitas coisas.

Sabe que a espiga fecunda só brota na terra que o arado rompe.

Sabe que “se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica infecundo. Mas, se morre, dá muito fruto” (cf. Jo 12,24).

Sabe que o ser humano se engrandece na dor como a pupila se dilata na noite.

Sabe que a contrariedade decanta a vida, porque “a alma se purifica na dor como o ouro na fornalha” (cf. Pr 27,21; Eclo 2,5; Pr 17,3).

Sabe precisamente que entre os que nada têm sofrido se encontram os homens superficiais e ineptos.

Sabe que o sofrimento é o grande teste para medir o valor humano: assim como os revezes pulverizam os fracos, da mesma forma galvanizam os fortes.

Sabe que o golpe, ao ferir a alma, prova se o barro ao desfazer-se é barro, ou se o bronze, ao ressoar, é mesmo bronze.

De fato, muitos homens reencontram a si mesmos – reencontram o verdadeiro sentido da vida – quando calcinados no alto forno do fracasso e da decepção. Saem de lá fortes e flexíveis como o aço.

Impressionou-me ver em Roma, ao pé de uma estátua – cabeça e tronco destroçados –, uma inscrição que revela a têmpera de quem a mandou gravar: “não há homem que trabalhe por Deus, que não cresça diante dos obstáculos, ainda que, às vezes, o corpo se quebre”. É assim para os que têm uma têmpera cristã – autenticamente jovial: as dificuldades, em vez de diminuir, fazem crescer a esperança.

O homem jovem, diante do fracasso, fala para si: “coração, deixa de lado os risos irônicos de quem desconfia da tua capacidade”; “coração, enterra ao pé da árvore da vida os frutos podres que caíram de seus ramos e estes terminarão servindo de fertilizante para novos frutos”; “coração recomeça novamente com a experiência, confiando mais em Deus e empenhando-se mais na sua luta”; “coração, derrama a esperança e o amor nos horizontes largos da sua vida, sabendo que em vinte cinco anos aprenderás a viver os próximos vinte cinco”.

É nesse tremendo contraste de atitudes que se defrontam o homem de espírito velho e o de espírito jovem.

3. As dores que rejuvenecem

Todo o sofrimento passa. Mas o fato de se ter sofrido não passa em vão – para o bem ou para o mal. Todos os homens sofrem, mas só o cristão sabe dar sentido à dor por meio de uma oração ponderada.

A dor entrou no mundo com o pecado – Deus não o quer, somente o permite – e foi precisamente ela uma das formas escolhidas por Deus para redimir o pecado.

Não se trata, porém, daquela dor procurada de forma doentia, masoquista, buscada como se tivesse uma finalidade em si mesma, mas sim da dor levada com garbo por amor aos seres queridos, para não tornar mais pesada a vida dos outros ou da dor como sacrifícios que acompanham o cumprimento fiel dos deveres, o esforço por superar os defeitos dominantes ou por conseguir o domínio da nossa natureza desordenada.

Podemos entender isso de diversos pontos de vista.

A criatura que não sabe utilizar a dor como fator catalisador, reanimador da sua personalidade, converte-se num ser atrofiado, raquítico. A dor, levada com bom ânimo, engrandece: compreender os sofrimentos dos outros, abrir-nos aos necessitados e doentes ajuda-nos a agradecer benefícios que recebemos, purifica os nossos defeitos e pecados, faz o trabalho de “poda” que favorece o crescimento da videira, de acordo com a imagem evangélica: *E o meu Pai é o lavrador que poda a videira para que dê mais fruto* (cf. Jo 15,2). Numa palavra, dá-nos uma têmpera forte, disposta habitualmente a enfrentar com serenidade o que para outros significaria a consagração de um estado de tristeza.

A familiaridade com o êxito, a vida fácil, um nível econômico alto, uma saúde sem percalços, faz que muitas pessoas vivam superficialmente, resvalam sobre o verniz brilhante das coisas perecíveis, como se elas fossem eternas, e não se aprofundem nas camadas mais íntimas da alma, que

é onde se encontram os valores mais autênticos: vivem “alienadas” na familiaridade epidérmica dos acontecimentos externos. São pessoas imaturas.

E, de repente, rasga-se essa familiaridade superficial. Penetra até o âmago a ponta ardente da dor ou o vislumbre doloroso da morte, acompanhado dos lampejos de uma eternidade na qual nunca se quis pensar; a alegria episódica desaparece como fumaça e a tristeza inconsolável estende-se como uma sombra. Contudo, é precisamente nesses momentos que se descobrem os valores mais profundos.

Tempos atrás, foi libertado um jornalista sequestrado no Líbano. Por mais de dois anos ficou confinado num recinto minúsculo no qual nem mesmo podia ficar de pé. Todos receavam que estivesse física e psiquicamente desfeito. Apareceu com lesões corporais muito graves, mas mentalmente são. E, ante a surpresa de todos (era considerado como homem afastado da fé), declarou estar muito agradecido a Deus porque chegara à conclusão de que, graças a esses anos, “já não morreria como um idiota”, preocupado com coisas que, no fundo, não tinham importância nenhuma².

Um acontecimento dramático como esse foi, para um homem que vivia superficialmente, a grande lição de vida que o fez recuperar o sentido da sua existência. Significou, para ele, um rejuvenescer. Mas não é necessário vivermos situações trágicas para deixarmos de “ser idiotas”, de ser “ridículos adolescentes” que resvalam pela vida em meio a futilidades e satisfações efêmeras. Por um lado, as experiências alheias, menos dolorosas para nós, podem representar, na vida cotidiana, um sinal de advertência ou uma forte sacudida que nos liberta de uma espécie de infantilismo imaturo. Por outro, com frequência, muitos homens ganharam maturidade, *reencontraram* a si mesmos e a Deus no meio dos sofrimentos ou contratempos da sua existência comum. Se tivéssemos uma sensibilidade mais apurada, descobriríamos na vida que nos rodeia lições não menos valiosas.

Não é verdade que um simples resfriado inoportuno, um ataque de labirintite, uma torção no tornozelo durante o futebol de fim de semana, ou, noutro plano, um “amigo” que não cumpre sua palavra, um negócio que naufraga quando tinha tudo para dar certo, podem nos conscientizar das nossas limitações, da relatividade dos nossos esforços? Ou ainda que um bem pelo qual tanto suspirávamos revelou-se inferior às nossas expectativas? Com efeito, podemos nos frustrar por uma de duas razões: ou porque não conseguimos as coisas desejadas, ou porque as conseguimos e percebemos que não valiam a pena.

Situações dolorosas e frustrantes podem levar-nos à procura de algo mais consistente. Nesse sentido, Lersch comenta acertadamente que, na vida do indivíduo – como naquele “morrer e renascer” de que fala Goethe –, as dores, os fracassos e as decepções “podem converter-se num purgatório no qual se calcinam, como num alto-forno, os últimos conteúdos do sentido da existência. Não raramente o homem tem de atravessar o *ponto zero crítico* da sua existência, constituído pelos lados sombrios de qualquer vida, para encontrar o seu *núcleo metafísico*”³, isto é, o sentido maduro da sua vida, a sua vocação divina.

O papa Bento XVI resume de maneira admirável o sentido cristão da dor e da morte nesta passagem da *Spe salvi*:

O Senhor é o meu pastor, nada me falta. [...] Mesmo que atravesse vales sombrios, nenhum mal temerei, porque estais comigo (Sl 23[22],1.4). O verdadeiro pastor – Cristo – é Aquele que conhece também o caminho que passa pelo vale da morte; Aquele que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar caminha comigo servindo-me de guia ao atravessá-la: Ele mesmo percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar agora e nos dar a certeza de que, juntamente com Ele, acha-se uma passagem. A certeza de que existe Aquele que, mesmo na morte, me acompanha e com o seu *bastão e o seu cajado me conforta*, de modo que *não devo temer nenhum mal* (cf. Sl 23[22],4): esta é a nova esperança que surge na vida dos cristãos⁴.

Conheço homens que, passados já dos sessenta, entraram nesse alto-forno da decepção e da dor e saíram renovados com um novo sentido – humano e divino – para a sua existência. Como se só então – é esta a sensação que se tem – estivessem realmente centrados no verdadeiro núcleo da personalidade; como se só então se sentissem felizes, arrastados pela corrente esplêndida que, em última análise, conduz todas as coisas para Deus, onde *já não haverá morte, nem luto, gritos, nem dor, porque as coisas velhas já terão terminado* (cf. Ap 21,4). Uma dessas pessoas dizia-me, depois de ter feito um retiro: “Sinto-me como se tivesse renascido: tal como um rapaz de vinte anos”.

Assim que, para os que têm essa têmpera cristã, a dor não lhes *marca* o ânimo, não lhes deixa uma ferida que nunca cicatriza, mas revigora-lhes as energias, faz crescer neles a esperança e prepara-os para novas lutas e conquistas.

4. A perda do ideal

Há outro motivo mais profundo e essencial que provoca a perda da esperança e, portanto, da juventude: o esmorecimento ou a morte do ideal que sustenta a vida.

Quando o homem perde seu ideal, ou quando este esmorece, perde ao mesmo tempo a motivação, o impulso vital: já não há nada que o chame desde o seu futuro, já não há uma força motriz que o levante das suas decepções. Ao perder o sentido da vida, ou melhor, *a consciência de missão* – de vocação – perde igualmente o horizonte existencial, o fôlego para a luta. Com 25 anos pode sentir-se um *aposentado da vida*. Ou até, talvez, com apenas vinte anos, nada ou pouco espera da vida, fica apático ou desanimado... Não vive, vegeta!

Não nos deixemos envelhecer, impedindo que o micróbio da velhice penetre em nosso coração; nem permitamos que o desânimo provocado pela decepção no amor ou o fracasso se aninhe insidiosamente no nosso ser. Não nos acovardemos diante dos obstáculos e contrariedades! Saibamos esperar e aguardar o tempo necessário sem desanimar, com os músculos do espírito tensos, prontos para saltar, como a mola comprimida por uma trava! Não podemos dar oportunidade para que o pessimismo nos deprima e feche os horizontes do futuro: deixemos “*que os mortos enterrem os seus mortos*” (Mt 8,22); “*Desprendamo-nos do homem velho*, como diz São Paulo, *e revistamo-nos do novo*” (cf. Cl 3,9).

Digamos com toda a força da nossa alma: ainda há muito por fazer, ainda há muito que construir, que aprender e assimilar, ainda há muito que melhorar, muitas virtudes a adquirir, muitas empresas a realizar, muitas pessoas a amar e fazer felizes, muitas almas a salvar... E ainda há toda a eternidade do Amor de Deus a esperar, todo o amor e toda a felicidade infinita vivida para sempre ao lado dos seres queridos!

Pensando assim, quem pode perder a juventude?!

Olhemos para o futuro!

Vamos construir o ideal de um grande amor para uma vida toda!

¹ Andre Maurois, *Un arte de vivir*. 31. ed., Buenos Aires: Hachette, 1960, p. 170. [t.n.]

² Cf. Francisco Fernández-Carvajal, *A Quem Pedir Conselho?*, São Paulo: Quadrante, 2000, p. 19.

³ Philipp Lersch, *La estructura de la personalidad*, Barcelona: Scientia, 1971, p. 255. [t.n.]

⁴ Bento XVI, *Spe salvi*, n. 6.

O ideal

1. O valor do ideal

Quando se olha para um grupo de jovens, pode-se pensar: cem rostos, cem incógnitas... O que virão a ser, em que se transformarão?

Ser jovem é o milagre de poder ser tudo.

Ser jovem é o mistério de poder ser nada.

E esse milagre e esse mistério dependem de você.

Ser jovem é ter na mão – como potencialidade – uma matéria plástica que pode ser transformada em obra-prima ou cascalho.

Os biógrafos de Miguel Ângelo nos falam da visão deslumbrante que teve em Carrara, diante de um imenso bloco de mármore. Naquele momento de êxtase artístico, vislumbrou, entre as irregularidades da pedra, a imponente figura de Moisés. E disse: “A única coisa que tive que fazer depois foi tirar o que sobrava àquilo que Deus me fez enxergar”⁵.

Ser jovem é ter esse olhar extasiado que vê, além da aparência irregular da “rocha” formada pelos acontecimentos, a bela imagem do seu próprio futuro.

Você já vislumbrou em que deseja transformar a massa informe da sua imensa potencialidade?

Você já sabe em que quer se converter?

A vida representa a grande tarefa de construir a nossa personalidade eterna. Mas, para isso, é necessário antes exergá-la, idealizá-la.

O homem vale o que vale seu ideal.

Ideais pequenos, homens mesquinhos.

Ideais grandiosos, homens magnânimos.

Ideais cristãos, homens santos.

A mãe de um piloto recém-formado na FAB deu o seguinte conselho a seu filho: “Tenha muito cuidado, voe devagar e baixinho”. É o conselho mais perigoso que se pode dar a um piloto. Voar baixinho, voar como uma ave rasteira quando poderíamos voar por cima das montanhas como as águias.

O cume faz o alpinista. Dimensiona a sua categoria. Foi o Everest que tornou grandioso Edmund Hillary, seu primeiro escalador. Vale muito mais propor-se a meta da excelência e não atingi-la do que a da mediocridade e consegui-la.

A cada ideal corresponde um tipo humano. Constatemos apenas alguns.

2. Os insatisfeitos

Há gente que *sabe o que não quer* – as estruturas injustas, os comportamentos burgueses, as atitudes acomodadas, a mediocridade –, mas *não sabe o que quer*: são os descontentes, os críticos azedos, os insatisfeitos crônicos, os amargamente inquietos, os iconoclastas destruidores de qualquer imagem, os rancorosamente rebeldes, os “pixadores”, os contestadores negativos...

Deixam-se dominar pela febre doentia e destruidora mais do que pelo calor que vivifica. Falta-lhes um ideal capaz de canalizar em sentido positivo essa grande energia, que, em vez de construí-los, os destrói.

3. Os sonhadores

Há outros que pensam saber o que querem, mas não sabem que isso que querem, na realidade, não o querem. Querem talvez utopias falsas, projetos frustrantes, alucinações: são os sonhadores, os garimpeiros de ideais quixotescos...

A estes falta realismo. Vivem de projetos fadados ao fracasso. Entusiasmam-se diante de uma fantástica miragem; deprimem-se quando descobrem que tudo foi um mero reflexo, uma ilusão de ótica. Tornam, na sua imaginação, o relativo em absoluto. Pensam: serei feliz quando entrar na universidade, e se entusiasmam; depois, verificando o seu engano, deprimem-se; sentir-me-ei realizado quando ficar noivo, e com isso vibram, mas depois verificam que ainda falta muito para essa realização e ficam tristes... E assim fazem com o casamento, com a promoção profissional... até o fim da vida.

Que diferença tão grande entre o sonho e a realidade!

Quantos jovens vivem essa eterna e desanimadora sequência de euforias e depressões, que parece a sístole e a diástole de um coração doentio!

4. Os acomodados

Há gente, também, que troca os ideais mais elevados pelos mais exequíveis, abandonando a trilha do cume pelo declive que está à beira de todos os destinos; substituindo o melhor pelo mais fácil: o esforço construtivo pela praia e pela televisão; a tensão criativa pelo jogo divertido e pelo programa superficial – o bilhar, o *videogame*; o grande e profundo amor que exige espírito de conquista e sacrifício pelos amoricos de fim de semana; a grande sinfonia do amor pela marchinha frívola do sexo...

Assim, pouco a pouco, perde-se a tensão do futuro, acomodando-se no presente, arredondando no fácil, aburguesando-se no que é cômodo.

Já não há nobres ambições nem apelos de aventura, nem desafios e saltos. A musculatura da alma não se alonga, não se estica, tornando-se pesada, gordurenta... É a alma de um velho de apenas dezoito anos.

E então, o que acontece?

Acontece a depressão, a tristeza, o vazio.

Está na moda falar de vazio existencial, de angústia existencial. O que há vinte anos era terminologia do existencialismo francês – Alô Sartre, Alô Camus – converteu-se hoje em comentário de corredor de escola, um papo de barzinho de esquina. Com um copo na mão, o pessoal curte a fossa. E da cerveja passam ao uísque – se não podem, à pinga – e daí ao “baseado,” que pouco dista da coca e, se esta não é possível, apela-se para o xarope com caipirinha e cheiro de “cola”.

O importante é sair do bagaço, do “baixo-astral”. Por que tantos jovens apelam para o sexo, a bebida e as drogas? Porque são maus? Não! Porque lhes falta um grande amor. Por causa do imenso vazio que neles provoca a ausência de grandes ideais.

Pretendem encher o vazio com mais vazio.

Lembro-me daquele rapaz de São Paulo, o “Toninho”. Alegre, simpático, namorado inveterado. Conquistava as meninas. Ele me contou a sua história:

Transei com a Aninha, gostava dela. Gostava mesmo. Mas não para casar. Ela sim, ela queria casar comigo. Fazia tudo o que eu queria. Entregou-se. Foi uma “cachorrada”. É isso o que fiz, uma “cachorrada”. Quando ela mais se agarrava em mim, tive que deixá-la. Compreendi que quanto mais demorasse, pior seria para ela. Mas quando a deixei, não havia quem a consolasse. Coitada da Aninha, anda por aí feita um farrapo. Sim, fui um “cachorro”. E nunca o pude esquecer. Tentei mil vezes. Aprontei com uma e com outra. Nada. E entrei na bebida. Aquilo aliviava. As farras com a turma do barzinho nos fins de semana eram divertidas. Mas cada dia me afundava mais. Precisava de mais e mais doses e cada vez mais fortes... E entrei na maconha, daí para a “coca” foi um passo... Os estudos à noite iam de mal a pior, fui despedido do banco por irresponsabilidade e até peguei o relógio da minha mãe guardado no armário – presente de casamento – para comprar a maldita “coca”! Que vergonha! Sinto-me um verme. E por dentro vazio, triste...!

Que saudades temos da eternidade, do Infinito, de Deus! Que saudades temos de um grande Amor.

É isso o que diziam ao meu querido amigo Toninho. “Por isso cheiras ‘coca’! Mas não podes assim matar a imensa sede que tu tens do infinito”.

Lutamos juntos. Ele e eu. Deus, ele e eu. E vencemos. Toninho, já casado e com três filhos, é hoje o gerente do banco do qual fora despedido.

5. Os mesquinhos

Há outros, enfim, que têm um ideal subdesenvolvido – subnutrido – como o do Jeca-Tatu, de Monteiro Lobato, que se contentava simplesmente com vegetar: “se compro na feira feijão, rapadura, p’ra que trabalhar?”

Seu horizonte é bem estreito: a sua “casinha”, os seus “benzinhos”, os seus “beijinhos”, o seu “quintalzinho”, tudo bem “mesquinho”.

Essa visão “provinciana” arruína toda a existência.

Não tomam consciência de que o homem foi criado para coisas altas e grandes. Saint-Exupéry definia o homem como “esse nômade à procura do Absoluto”; e Santo Agostinho, mais preciso, exclamava: “Criaste-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”⁶.

Quando o homem não encontra o absoluto ou quando absolutiza o relativo, cai na frustração ao verificar que a realidade não coincide com os sonhos; ou quando se acomoda no mesquinho e burguês, nasce nele uma grande inquietação que termina dissolvendo-o como um ácido corrosivo. Aquilo que começa gostoso e deleitável – a vida acomodada e sensual – torna-se entediante e insuportável!

É realmente duro dilatar o coração para os grandes ideais; exige desprendimento, renúncia e sacrifício. Mas é muito mais duro suportar, a partir de uma determinada idade, a sensação tremenda de frustração: perdi a juventude, escapou-me o ideal, esvaziou-se a vida!

Uma vez, quando voltava de Roma, na poltrona do avião, encontrei por acaso um semanário italiano, *Il Sabato*. No editorial, deparei-me com um título que me chamou a atenção: *La domanda di Francesca*. “A pergunta de Francesca”. Quem seria Francesca? Que pergunta faria ela? Interessado, li a reportagem.

Francesca era uma moça bonita de 21 anos, brilhante nos seus estudos universitários, filha de pais muito ricos. Na noite de 15 de maio de 1992, foi encontrada morta no banheiro da *Stazione Triburtina* de Roma. Ao lado do corpo, uma carta dirigida aos pais dizia, entre outras coisas: “Vocês me deram não só o necessário, mas também o supérfluo, mas não souberam dar-me o *indispensável*”.

Mas que queria ela dizer com a palavra “indispensável”? Por que a falta do indispensável a levava a uma situação tão torturante que a vida se lhe tornara sem sentido a ponto de achar que não valia a pena vivê-la? E o editorial, em várias indagações e pesquisas, diz que chegou a encontrar uma resposta a essas perguntas precisamente num pensamento de Kierkegaard, o primeiro filósofo existencialista: o “indispensável é o Absoluto”.

Veio-me então à memória novamente aquele pensamento que acabo de citar de Saint-Exupéry: “o homem é um nômade à procura do Absoluto”, palavras que novamente me parecem, como já mencionei, um eco daquelas outras, de Santo Agostinho: “Criaste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em ti”. O homem é um nômade no deserto da vida, à procura de algo tão perfeito, tão sublime, tão absoluto, que só se pode encontrar em Deus. O homem tem sede do Deus vivo (cf. Sl 42,3).

Isso explica a insatisfação de Francesca, sua nostalgia, a procura ansiosa de algo que – sem saber exatamente o que é – se torna indispensável, a tal ponto que a vida perde todo o sentido se não o encontramos. É nisso precisamente que consiste a única verdadeira tragédia humana: procurar o Absoluto – o amor, a beleza, a verdade, a perfeição – e não encontrá-lo.

Foi certamente isso que aconteceu com Francesca e com milhares de jovens que buscam ardentemente a felicidade e o amor, e, sem saber, galopam na direção contrária do lugar onde se encontra. No fundo, talvez inconscientemente, ardem em desejos de grandes ideais, mas só lhes oferecem frivolidades, banalidades, mediocridades.

Estas são as coordenadas de uma vida cristã, católica, e, portanto, grande, universal: *em profundidade*, que chegue à mais íntima santidade, ao mais profundo amor; e *em extensão*, que abranja o mundo inteiro, sem limites geográficos.

Esse grande ideal exige que se abra espaço no nosso peito para colocar lá dentro o grande coração de Cristo.

⁵ Cf. Rafael Llano Cifuentes, *Fortaleza*, São Paulo: Quadrante, 1991, p. 82.

⁶ Santo Agostinho, *Confissões* 1,1.

Um ideal: Cristo

Há pessoas que fazem uma triste ideia do cristianismo. Pensam que ele as chama a uma vidinha pacata, “boazinha”, ou que lhes pede a renúncia a uma personalidade de altura.

Recordo o que me dizia um rapaz da faculdade de engenharia do Fundão⁷: “Eu sou muito católico... Sou muito humilde...”. E eu lhe perguntei: “Mas por que pensa que é muito católico, muito humilde?”. Ele respondeu: “Porque aprendi do meu pai a não ter ambições”. Calei, mas tive vontade de dizer-lhe: “com essa atitude você vai se converter num medíocre como seu pai”.

O cristianismo não exige a renúncia de uma personalidade de categoria. Muito pelo contrário. Quando Pilatos disse a Jesus: *Ecce Homo!* – “Eis aqui o homem” – não sabia o que estava proclamando: eis aqui o homem por excelência, o homem por antonomásia. Não houve nenhum homem que tivesse uma personalidade tão grande, uma influência tão marcante na humanidade como esse *Homem*. No fim das contas, estamos no ano de 2011, porque faz 2011 anos que nasceu o *Homem*.

Precisamos desse *Homem*, com letra maiúscula. Precisamos dessa Personalidade, também com letra maiúscula.

Não é certo que cada um de nós está, consciente ou inconscientemente, à procura do seu arquétipo perfeito a quem imitar? Não é verdade que quando em determinado momento aparece uma autêntica personalidade no mundo da arte, da ciência, da política, do esporte, levanta-se à sua volta uma onda de entusiasmo, um afã de imitação?

É que as formas imperfeitas, embrionárias, que trazemos dentro do nosso ser, aspiram ao seu completo desenvolvimento, têm anseios de altura e remexem-se inquietas no fundo da alma quando veem, fora dela, um reflexo

daquela perfeição tão desejada. E o que não poderá acontecer quando, diante do nosso olhar, desenhe-se toda a infinita perfeição de um *Deus feito Homem*? Não há ser humano que tenha conhecido verdadeiramente a figura de Cristo e, ao mesmo tempo, tenha ficado indiferente: Cristo é o ideal por excelência.

É preciso colocar diante dos olhos a verdadeira figura de Cristo – não aquela deformada pela rotina, pelos preconceitos, pela ignorância ou pelo fanatismo – para vê-Lo como Ele realmente é: essa figura única e irrepetível – *Deus perfeito, homem perfeito* – que condensou, num todo extraordinariamente coerente, virtudes que dificilmente se encontram numa única pessoa: a fortaleza e a amabilidade, a sabedoria e a simplicidade, a audácia e a prudência, a liderança e a compreensão, a benignidade e a justiça, a temperança e o amor apaixonado pelo mundo e pelos homens.

O aprofundamento na vida de Cristo representa a superação de uma ideia fria – de um cristianismo apagado – para passar a uma ideia-força, que comprometa a personalidade inteira com todo o calor das grandes paixões.

A vida de Cristo se nos apresenta, dessa maneira, como um ideal divino e humano que – quando conhecido no seu autêntico significado – faz vibrar o coração nas fibras mais íntimas, tornando-se a motivação vital e o modelo perfeito de juventude: o *Amor dos amores*.

Às vezes, insiste-se tanto no aspecto divino de Cristo que fica esquecida a sua personalidade humana. É necessário abrangê-Lo numa visão integral: “*Deus e Homem perfeito*”, com a Sua força, a Sua amabilidade, a Sua compreensão, o Seu sorriso, a Sua generosidade, o Seu magnetismo humano junto com Sua sabedoria, o Seu domínio da História, o Seu poder divino infinito. Não é raro que os jovens fiquem desiludidos quando se defrontam com determinados ambientes católicos: muitos cantos, muitas rezas, mas poucos valores humanos, pouca lealdade, pouca coragem, poucas personalidades de altura. A oração e o canto – magníficas expressões do

sentir humano e do louvor divino – devem estar enraizados numa personalidade humana que arraste.

É muito triste observar que os que lideram certas atividades pastorais ou movimentos católicos são profissionais medíocres e homens de caráter fraco, carentes de qualidades de liderança. Faltam personalidades como a personalidade de Cristo. Ele nos diz: “*Aprendei de mim*” (cf. Mt 11,29), “*dei-vos o exemplo para que, como eu procedi convosco, assim procedais vós uns para com os outros*” (cf. Jo 13,15).

Acabamos de dizer que, quando se apresenta diante de nós uma personalidade marcante, se eleva do mais fundo do nosso coração o desejo de imitá-la, uma motivação que nos impele a identificar-nos com ela. Isso tem acontecido em todas as épocas históricas. Em torno das figuras de destaque, dos grandes vultos, sempre se formaram escolas que eram, em última análise, como que a cristalização de uma autêntica vontade de identificação, de mimetismo. E que personalidade – repetimos – supera a de Cristo, *perfeito Deus e perfeito Homem*? Proceder de acordo com o exemplo de Cristo não representa, por acaso, o maior ideal humano, capaz de dinamizar todas as molas da nossa vontade e nossos anseios mais profundos de perfeição e de plenitude?

Se a personalidade de Cristo não me move, é porque me falta fé e não posso dizer, com as expressões mais profundas da minha alma: Creio que Cristo está ao meu lado, creio que está ao meu lado toda a perfeição, toda a segurança, toda a sabedoria, toda a beleza, toda a alegria, todo o amor, todo o carinho, toda a simpatia. Se tivesse essa fé, não resistiria. Ele me arrastaria e eu seria feliz.

Quando Ele viesse e me chamasse, como a Pedro – “*Vem e segue-me*” (Mc 10,21) –, eu não seria capaz de me esquivar, porque compreenderia que Ele está me chamando para a mais plena e profunda realização humana e espiritual, para esse *Amor dos amores*.

Deveríamos por isso perguntar-nos: em que medida conheço a personalidade de Cristo? Até que ponto tento descobri-la a cada dia com mais profundidade? Compreendo que se vivesse ao Seu lado conseguiria superar essa apatia que, às vezes, me acorrenta, essa depressão que tanto me desanima?

1. Amar a Cristo

O amor é uma característica de quem tem o coração jovem. O amor é a grande força que nos impulsiona para o futuro. A grande motivação, o motor da vida. Quando não há amor, a vida para; quando, no entanto, uma paixão nos anima, tudo se transforma: “tudo parece novo – diz Goethe – os deveres mais sagrados, as afeições mais vivas, os conhecimentos mais claros, os talentos mais potentes, os propósitos mais decididos”⁸.

Quando cursava a faculdade de direito da Universidade de Salamanca – sem imaginar que algum dia poderia tornar-me sacerdote –, tinha um colega que não estudava nada. Era o primeiro em todos os concursos de preguiça. Estudávamos então uma matéria extremamente pesada, direito tributário, condensada num imenso volume de quinhentas páginas, que chamávamos “o tijolão”. Não havia forma de assimilar aquele autêntico sonífero. Pois bem, o meu colega – o preguiçoso – veio ao meu encontro e me disse:

– Estou estudando direito tributário, que é uma beleza.

– Impossível – respondi. Se você não é capaz de estudar a matéria mais fácil, quanto mais direito tributário... Não acredito. Se fosse assim, seria o *milagre do século*.

– Vem e verás.

Mostrou-me o volume. Estava na metade, marcado com um sinal.

– Até onde está o marcador já estudei!

– Não acredito! – repeti.

– Pergunta o que quiser e eu responderei.

– Mas como conseguiu?

– Ah! O segredo está no marcador...

E apresentou-me a fotografia de uma moça!

– É bonita, não é verdade?

– Maravilhosa!

– Pois é minha namorada. Não poderei casar-me com ela se não superar o direito tributário. Sabe então o que faço? Escondo a fotografia após cada três páginas do livro e digo a mim mesmo: não poderá olhar para a fotografia, se não estudar essas três páginas... E vai uma... E vão duas... E vão três! E fazendo um gesto de êxtase, olhava para a fotografia: prêmio! Por detrás de cada três páginas, um prêmio: contemplação. A fotografia – o amor por aquela menina – era sua grande força.

Deveríamos saber enxergar por detrás das páginas de um livro, por detrás das dificuldades da vida, o Amor. Deveríamos perfurar, como com potentes raios, todos os obstáculos da nossa existência a fim de ver o grandioso ideal do amor. Esse será o colossal guindaste que arrastará a nossa apatia.

Cristo é o amor por excelência. É Deus encarnado – “Deus é amor” (1Jo 4,16) – e tem o coração de fogo. Ele nos diz “Eu vim lançar fogo sobre a terra e que desejo senão que arda?” (cf. Lc 12,49).

A vida de Jesus foi como uma imensa fogueira de amor que se alastrava de coração em coração. Ninguém ao Seu lado ficava indiferente: o jovem João, que largou barcas e redes para segui-Lo; a samaritana, que abandonou a sua vida de pecado à beira do poço de Sicar; o pobre cego de Jericó, Bartimeu, que, depois de curado, seguia pulando de alegria por aqueles caminhos da Palestina; o inveterado corrupto: cobrador de impostos Zaqueu, que encontrou sua vocação de amor saltando do galho da árvore a qual tinha subido para ver Jesus; e até o próprio ladrão na Cruz que se sentiu cativado por Aquele que morria por amor, pensando na humanidade inteira, perdoando os seus próprios carrascos...

“Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13). E Cristo morreu dando Sua vida por mim... E amor com amor se paga.

Eu amo a Cristo? Compreendo que Cristo não é apenas o caminho, é também a escada rolante que me arrasta, que me transporta? Se Ele nos diz “Eu sou a videira e vós, os ramos, quem estiver unido a mim esse dará muito

fruto” (cf. Jo 15,5), por acaso estou enxertado Nele para que Sua seiva – o Seu sangue – circule por minhas artérias, seja o propulsor do meu coração?

Este amor a Cristo é como o paradigma de todos os outros amores dignos e nobres: o amor do namorado pela namorada, o amor da esposa pelo marido, o amor da mãe pelo filho...

Para amar a Cristo, contudo, é preciso primeiro conhecê-Lo e depois relacionar-se com Ele.

2. Conhecer a Cristo

Nihil volitum nisi praecognitum – “Ninguém ama o que não conhece” – diz um clássico aforismo filosófico. Como posso amar a Cristo se não O conheço? Como posso amar a Cristo profundamente se não O conheço profundamente?

A formação cristã é fundamental. Se um estudante empenha pelo menos cinco anos de sua vida para fazer um curso universitário, será excessivo exigir-lhe que dedique à sua formação espiritual quinze minutos por dia? Ler e meditar, por exemplo, durante cinco minutos, o Evangelho e dedicar os outros dez à leitura de um bom livro de formação? Se é constante, em dois meses terá lido um livro de tamanho médio; em um ano, seis livros; e em cinco anos, trinta.

Se muita gente gasta tanto tempo diante da televisão, na Internet, na fila para entrar em qualquer espetáculo, será também excessivo pedir-lhe que assista, uma vez por semana, a uma palestra, a uma reunião de formação, a um curso bíblico, a um grupo de oração? Tudo depende do interesse que se tenha. E aqui está comprometido o sentido da nossa vida.

Assim, pouco a pouco, conhecerá progressivamente a figura de Cristo e, como consequência, começará a se relacionar com Ele. Porque conhecer não basta.

3. Relacionar-se com Cristo

Como podemos fazer uma amizade, amar uma pessoa, se não nos relacionarmos com ela?

Faz alguns anos, fui diretor espiritual de um rapaz que padecia de uma característica: era muito tímido.

Um dia, disse-me, com um tom solene: “Acabo de conhecer uma menina que gostaria que fosse a mãe dos meus filhos”.

– Mas, rapaz, você falou bonito; parece José de Alencar... – respondi-lhe.

– É que sou muito tímido, sabe. E pensei, pensei... não sabia como expressar-me e saiu a frase que acabo de dizer. Gostou?

– Gostei. E daí?

– E daí que eu gostaria que o senhor me desse umas dicas para namorar com ela.

– Eu? Umas “dicas” para namorar? Que pensa você? Vire-se.

– Não, por favor, sou muito tímido.

– Bem, vamos ver, ela estuda?

– Sim.

– Pois fique na porta do colégio e quando ela sair você “entra em campo”... Comece com aquele papo simples, simpático...

– Não, não, eu ficaria vermelho como um tomate e ela iria reparar. Isso não vale.

– Pois então telefone para ela. Assim ela não enxerga cor nenhuma...

– Mas e se quem atender o telefone for o pai? Ele é um “portuguêsão” bravo...

O rapaz foi colocando dificuldade, até que acrescentou:

– Já sei o que vou fazer... vou rezar.

– Rezar não basta. Aprendi aquele ditado popular: “a Deus rogando e com martelo dando”! Deus não premia a apatia e a timidez.

– De qualquer maneira, Deus é tão bom... e eu vou rezar tanto, tanto...

Depois de um mês, o rapaz voltou contentíssimo:

– Estou rezando demais.

– Mas não fez nenhuma tentativa?

– Não, só rezar, mas intensamente.

Passou mais um mês, mais um ano e deixou de falar no assunto. Um dia eu o abordei...

– E o que aconteceu com aquela menina?

Ele, baixando a cabeça, respondeu:

– Casou-se com outro!

Naturalmente, quando não há relacionamento, não brota o amor.

Em todos os terrenos, pode acontecer o que aconteceu a esse rapaz ou àquele outro que dizia: “Faz cinco anos que escrevo à minha namorada, todos os dias... todos os dias mando aquela cartinha para o lugar onde ela mora... uma chácara retirada... E acabo de saber que se casou com o carteiro!”

Evidente! Era ele que entregava a cartinha, que tratava de perto aquela moça. Não há amor sem um contato íntimo; é preciso suprimir as distâncias.

O mesmo acontece com Cristo. Temos que trazê-Lo para perto com um ato de fé viva que diga: “Meu Senhor e meu Deus, creio firmemente que estás aqui, que me vês, que me ouves” e começar a conversar com Ele, porque Ele realmente está presente e nos escuta.

A oração é uma conversa íntima com o Senhor. Pode-se conversar de mil maneiras: lendo um texto do Evangelho, sentindo-nos como um dos personagens da narrativa – como o leproso, a viúva de Naim, a cananeia –, gritando-Lhe as nossas necessidades: “Cura a minha lepra! Ressuscita o meu filho!”, ou sentando-nos aos Seus pés como Maria lá em Betânia e escutando as Suas confidências. Podemos, então, falar-Lhe dos nossos pecados, dos nossos amores, das nossas fraquezas, das nossas necessidades, dos nossos

projetos, das nossas penas e alegrias ou simplesmente ouvir as Suas palavras, contemplando, como Maria.

4. Identificar-se com Cristo

Além da oração, existe outro modo mais direto de conseguir essa união, essa *comum união*: precisamente a *comunhão*. No amor puramente humano, o desejo de fundir-se e compenetrar-se nunca se realiza à altura do desejo. No amor a Cristo, este desejo torna-se realidade: como duas peças de cera fundidas numa só; como o fogo que transforma o ferro frio e opaco em algo rubro como o rubi, ardente em brasa como o próprio fogo... Ele veio a terra como fogo para fazer arder os corações, e o consegue no sacramento da Eucaristia. Santo Agostinho, nas *Confissões*, escreve que o Senhor lhe disse as seguintes palavras:

Eu sou o alimento das grandes almas. Come-me e viverás. Mas não o transformarás na tua própria substância como acontece com o alimento comum. Tu, pelo contrário, te transformarás em mim mesmo.

Isto é o que experimentaremos se vivermos da Eucaristia: transformaremos-nos Nele. Ele utilizará a nossa cabeça para pensar nos homens, o nosso coração para amá-los, os nossos braços para abençoá-los e as nossas mãos para moldar neles uma nova personalidade.

Assim teremos a força de Cristo, o amor insondável de Cristo, a liderança de Cristo, a juventude eterna de Cristo.

⁷ Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸ Johann Wolfgang von Goethe, *Sobre el amor incipiente de Wilhem Meister hacia Mariane*, Madrid: [S.l.], 1953, p. 72. [t.n.]

O amor

1. A pureza e a integridade do amor

O amor de Cristo é um amor puro. O amor cristão é sempre puro, autêntico, como o ouro de lei, sem misturas.

Seja qual for esse amor – amor de amizade, de namoro, amor conjugal, amor de paternidade e maternidade –, será sempre puro.

De fato, o amor que um homem experimenta por uma mulher e uma mulher por um homem, quando traz consigo a conotação do instinto sexual e é autêntico – respeitando a lei natural – terá também sempre essa característica de pureza e integridade.

Todos os instintos têm como que duas finalidades, uma imediata e outra mediata ou final. O instinto alimentar, por exemplo, satisfaz primeiro o gosto de comer, a fome, mas sua finalidade última é a sustentação do organismo, a nutrição do nosso corpo. Quando uma pessoa come em excesso para satisfazer o apetite, o prazer de comer está prejudicando a sua saúde, está desvirtuando a finalidade última do instinto. Por isso, a gula é um pecado. Não é pecado experimentar o prazer da comida, mas subverter a ordem do instinto alimentar, colocando o prazer acima da função nutritiva. A história da decadência do povo romano nos conta que era tal a desordem dos seus instintos que havia nas salas de jantar o “vomitorium”, onde se provocava o vômito para continuar comendo. Algo que nos repugna profundamente.

Pois bem, no instinto sexual acontece o mesmo: satisfaz primeiro o apetite, o prazer sexual, consegue depois a vinculação dos corações e dos corpos e, por último, a união da molécula masculina e feminina, a união do espermatozoide com o óvulo. Há uma sequência perfeita. Deus nos concedeu a atração sexual para cumprirmos uma nobre finalidade: o amor e, em decorrência, o nascimento de uma nova vida humana.

A pureza do amor humano consiste precisamente na sua integridade. Não se pode separar o aspecto unitivo – a relação sexual – do aspecto procriador, como diz a encíclica *Humanae vitae*⁹. Quando se procura apenas o prazer pelo prazer, como por meio das relações que não estão de acordo com a lei natural ou aquelas em que se usam anticoncepcionais, está se agindo contra os planos de Deus em relação à realização afetiva e sexual. A fornicação, nesses casos, não é pecado por provocar o prazer, mas por subverter a ordem do instinto, colocando o prazer acima da função procriadora e desvirtuando-a. Aqui reside também uma das causas da decadência da nossa sociedade consumista e hedonista: procura-se o prazer sexual a todo custo, provocando-se o aviltamento do ser humano. As desordens no terreno sexual não são menos nojentas do que as dos banquetes orgiásticos da decadência romana.

Essas desordens provocaram uma ruptura no vínculo natural existente entre o sexo e o amor conjugal e entre este e a procriação.

2. As desordens do sexo: a satisfação individualista

Quando o prazer sexual se separa do amor afetivo, aparecem fenômenos de autoerotismo como a masturbação, que se chama também significativamente *pecado solitário*. Provoca-se com ela o orgasmo, a satisfação sexual solitária – ausente da relação amorosa –, e por isso contrária à lei natural. Ainda que o fenômeno possa ser comum, nem por isso poderá ser considerado normal. O normal é o que está na ordem qualitativa marcada pela norma natural; o comum está na ordem quantitativa: o que é mais geral, mais frequente. Não se pode dizer que a masturbação seja normal, porque seja comum. Em determinados momentos de regressão moral pode ser comum a delinquência, a agressividade, o racismo ou até mesmo a tentação de supressão de uma raça – como aconteceu massivamente com os judeus por influência do nazismo –, a poligamia, o aborto etc., mas a generalização de uma anomalia nunca poderá justificá-la, nem trocar o mal pelo bem. Não se muda a qualidade de uma mercadoria, se, na compra, em vez de um quilo se receba uma tonelada.

Nesse sentido, diz um importante documento pontifício que:

Tanto o Magistério da Igreja, na linha da tradição constante, quanto o sentir moral dos fiéis afirmaram sem hesitações que a masturbação é um ato intrínseco e gravemente desordenado. A razão principal disto é a seguinte: qualquer que seja o motivo que o determine, o uso deliberado da faculdade sexual fora das relações conjugais normais contradiz essencialmente a sua finalidade. Falta-lhe de fato a relação sexual requerida pela ordem moral; aquela relação que realiza o sentido integral de uma doação recíproca e da procriação humana num contexto de autêntico amor. É para essa relação regular que se deve reservar todo o exercício deliberado da sexualidade¹⁰.

A masturbação, além disso, pode criar um vício – uma dependência – que desgasta a saúde física e psíquica; pode igualmente perturbar as funções sexuais, prejudicando inclusive as relações matrimoniais. Nós tivemos a

oportunidade de acompanhar vários desses casos, às vezes muito aflitivos, que provocaram graves problemas de relacionamento conjugal.

3. As relações pré-matrimoniais

Quando igualmente se desvincula a relação sexual do compromisso conjugal surge o *amor livre* e as *relações pré-matrimoniais*. Recentemente tive a oportunidade de tomar conhecimento de um diálogo entre duas moças. Como o fato é real, alterei, por descrição, os seus nomes. Sandra, de 23 anos, e Mônica, de 19, são muito amigas. Ambas são solteiras e católicas.

Há seis meses Mônica namora Roberto. Preocupada com o desenrolar do namoro, faz a confidência:

– Sandra, estou apaixonadíssima por Roberto, e ele diz que também está por mim. Não poderemos casar-nos pelos próximos dois anos, pelo menos. Ele não ganha o suficiente. O namoro está avançado. Ele me diz que quer “transar” comigo, para valer. Também estou a fim, mas tenho medo. Que você acha?

– Veja lá o que você faz. E se você engravida?

– Bem... eu pensava em tomar pílulas.

– Pílulas? Mas você sabe que isso é errado. Ouvi dizer que a Igreja não aceita. Além disso, não é bom para a saúde. Pílulas aos dezenove anos é uma besteira!

– Mas esperar dois anos...

– Dois anos... Dois anos ou mais... Do jeito que as coisas estão... com a situação econômica... Além disso, quem lhe garante que Roberto casará mesmo com você. E se daqui a dois anos ele desiste? Há muita gente com dois anos de casamento que anda se desquitando. Nem o compromisso formal do casamento segurou o matrimônio deles, quanto mais uma palavra dada no impulso de uma paixão!

– Mas você está vendo as coisas pretas demais. Isso é pessimismo. Apelação.

– Apelação? Se há tanta gente por aí que, tomando pílulas ou usando camisinha, fica grávida... Você gostaria de ficar grávida?

– Deus me livre! Mãe solteira: que faria?

– Pois há muita gente que, pressionada pela família, faz aborto.

– Bem, você bem sabe que eu não faria uma coisa dessas.

– De acordo, mas não acha que é errado transar, ficar numa boa, e não querer as consequências? Isto não é coerente. Não é natural. O que poderia pensar seu filho se nascesse nessas condições? Não respeitaria também a sua mãe, da mesma maneira que você não respeitaria eventualmente seu filho.

– Bom, assim você não me dá opção.

– Mas acha que há opção para coisa errada?

Ao terminar o “papo”, Mônica disse tudo isso ao Roberto. E comentou que ele “ficou por conta”. Mas, a partir daí, acrescentou Mônica, Roberto “maneirou”.

Esta breve história – que serve como um roteiro para nossa exposição – é uma parcela pequena destacada de uma imensa realidade cotidiana. No substrato da conversa estava implícita outra questão mais grave: a infração da lei natural, a ofensa gravíssima a Deus. Quando o ambiente diz: “tudo isso é normal”, a consciência por dentro grita: “está errado”. Quando o amigo intelectualizado alega que “isso é preconceito”, *tabu medieval*, há uma voz mais profunda que nos diz: “isso não depende da época nem dos lugares; isso o perceberam homens de todas as épocas e lugares”.

Muitos jovens se perguntam, de fato, como Mônica: se nos amamos verdadeiramente, se o que desejamos não é apenas o prazer, mas a união afetiva total, por que não podemos ter relações sexuais? Se estamos decididos a casar e não o podemos fazer neste momento, por que atrasar algo que nos parece importante para nossa felicidade?

Compreendemos perfeitamente estas perguntas que, pelo menos uma vez, foram feitas por muitos jovens. A resposta, no entanto, está subordinada a três pontos importantes:

O primeiro consiste em saber se existe a garantia de que o casamento se realizará de fato. O segundo trata de averiguar se se deseja realmente o fruto dessa união – o filho – ou a relação sexual se faz ancorada em práticas anticoncepcionais ou pelo menos em mentalidade anticoncepcional. E o terceiro deve esclarecer se existem também garantias suficientes de manutenção e educação dos filhos, caso estes nasçam de uma relação pré-matrimonial.

4. A pontualização da questão

Em relação ao primeiro ponto, é preciso considerar que a *permanência* é uma característica essencial da autenticidade do amor. Como é a *totalidade*. Evidentemente ninguém aceitaria uma declaração de amor como esta: “amo-te com dois terços do meu coração”; ou se ama com todo o coração ou não se ama de verdade. Tampouco ninguém ficaria satisfeito com a declaração: “eu te amarei até o fim deste ano”. Quando não se proclama que se está disposto a amar a vida toda, esse amor não é um autêntico amor. É preciso diferenciar o amor conjugal do “namorico”, da “curtição”, da “relação com o *companheiro*”, da “amizade colorida”, dos encontros de motel...

Ora, esse amor total e permanente, de acordo com os costumes de todas as épocas e de todas as regiões do mundo, tanto no povo romano, chinês, sueco, indiano, no povo “zulu” ou “pigmeu” da África como no povo de Nova Iorque, São Paulo ou Rio de Janeiro, é um amor selado por um *compromisso formal*, que assegura garantias pessoais, sociais e jurídicas de permanência. É isso precisamente o que se chama casamento.

Especialmente os jovens devem ser protegidos contra os impulsos sentimentais que os levam a entregar-se um ao outro *sem pensar nas consequências*; “eu te amo, tu me amas... vamos adiante”, depois virão as frustrações e as lágrimas.

Que garantias tem uma moça que se entrega a um rapaz – perdendo a virgindade – de que ele permanecerá com ela para sempre ou de que um dia *de fato* se casará com ela? Se já dentro do matrimônio, como comentava a Sandra da nossa história, depois de comprometer-se com a permanência do amor pelo casamento, as possibilidades de desquites e divórcios são tantas, como não pensar que uma relação descomprometida – desprovida da firmeza de um acordo conjugal – resistirá às crises de relacionamento e às tentações contra a fidelidade? Quantas moças beirando os 27 anos ficaram penduradas no vazio, com uma doentia carência afetiva causada pelo abandonado do

parceiro? Como pensar que será fácil encontrar um bom marido quando – como se diz vulgarmente – elas já foram “usadas” muitas vezes? Não é verdade que entre essa multidão de jovens encontramos o “caldo de cultura” das desajustadas, das “gatinhas”, das mulheres de “vida fácil”? E como fica então para elas esse instinto tão nobre e forte de maternidade, esse desejo profundo de amar e de ser amada por um homem que seja delas para sempre, de ter um lar e de ser querida pelo seu marido e seus filhos até o fim da existência?

Compreenderemos, ao refletir nisso, como é importante que as relações sexuais estejam garantidas pelo casamento.

No segundo ponto, indaga-se se se deseja ou não que a relação pré-matrimonial obtenha seu fruto natural, que é o filho. Se a resposta for negativa, essa relação está profundamente desvirtuada. Voltamos a repetir que Deus colocou o prazer sexual como “estímulo” para a procriação.

Com a encíclica *Humanae vitae* reiteramos: “na verdade, pela sua estrutura íntima, o ato conjugal, ao mesmo tempo que une profundamente os esposos, torna-os aptos para geração de novas vidas”¹¹.

A história, a sociologia, a psicologia, tanto quanto a genética, nos falam desse imenso e fortíssimo impulso de atração entre o homem e a mulher. Um impulso amoroso que se plenifica física e afetivamente na relação sexual, cujos mecanismos, misteriosamente lúcidos e inconscientemente sábios, levam à união do espermatozoide com o óvulo. A mobilidade, a “agressividade”, a vitalidade desse ser microscópico é algo que admira os cientistas. Cada emissão de sêmen provocado pelo ato conjugal contém de trezentos a quatrocentos milhões de espermatozoides que disputam ansiosa e inconscientemente – com notável versatilidade e energia – a fecundação do óvulo. Avançam impreterivelmente para a cavidade uterina, atacando o óvulo com uma substância dissolvente – a hialuronidase –, para penetrar na célula feminina. Só um entre esses milhões sai vitorioso¹².

Esse esbanjamento de vida, esse esforço incrível da natureza, essa sábia capacidade de penetração e fecundação é só uma imagem biológica do que significa o amor conjugal. Com a mesma força inconsciente do espermatozoide à procura do óvulo, o homem procura conscientemente o amplexo íntimo com a mulher.

Pois bem, toda ruptura artificial desse grande encontro consciente ou inconsciente representa uma frustração profunda da natureza.

Hoje é fácil ouvir observações sobre o “equilíbrio ecológico,” a preservação das forças da natureza, mas é difícil, ao mesmo tempo, ouvir que a ruptura da sequência natural do ato conjugal representa, mais do que um desequilíbrio ecológico, um verdadeiro atentado ao que há de mais sagrado na natureza: a fonte da própria vida humana.

Mas por que se comete com tanta frequência esse atentado?

Este atentado, esta desvinculação da relação sexual e da sua consequência natural, a fecundação, está motivada, é óbvio, pelo desejo de fruir o deleite sexual, fugindo do seu resultado natural. Pretende-se – como diz o trocadilho clássico – o “bônus” sem o “ônus”. Procura-se o bel-prazer e rejeitam-se as responsabilidades inerentes.

O prazer é encaminhado à união de dois seres humanos para elevá-los a um estado superior de integração amorosa e ao mesmo a fundir na unidade duas células, a masculina e a feminina, a fim de perpetuar a vida humana.

É por isso que tanto a *Humanae vitae*, a *Familiaris consortio* como o amplo magistério de João Paulo II sobre este tema insistem num princípio essencial: *a necessária união de dois aspectos fundamentais: o unitivo e o procriador*¹³.

5. Um exemplo elucidativo

Por ser responsável pela Pastoral Universitária da Arquidiocese do Rio, tinha todas as quartas-feiras um encontro com os universitários na Universidade Federal, no campus do Fundão. Depois do encontro, ficava à disposição daqueles que queriam falar comigo. Lembro-me do que dizia Gustavo:

– Tudo tem que ser *natural*. Se eu amo a Daniela – que também frequentava as reuniões –, então o natural é que não recalquemos a *natureza*. Para mim, a relação entre duas pessoas que se amam tem que ser *completamente natural*.

Ele dizia isso rindo. Era um bom rapaz. E eu respondia, também rindo:

– Mas você já amou antes a Sônia de Copacabana, a Eliane de Botafogo e aquela moreninha de Madureira. Como se chama ela?

– A Cidinha.

– Então, daqui a pouco, você vai ter um filho em Copacabana, outro em Botafogo e um terceiro em Madureira! E se o negócio continuar, você vai acabar sendo o “pai da Pátria”.

Grandes gargalhadas!

– Não, mas não é assim, a gente toma cuidado. Ou ela toma “pílula” ou eu uso camisinha. Eu não sou tão “besta” assim.

– Não, não, respondi, tudo tem que ser *natural*, bem natural, não se pode “recalcar” a natureza; para mim, as relações de duas pessoas que se amam tem que ser algo *completamente natural*... Nunca vi um cachorro usando camisinha. Deixa que nasça o neguinho de Madureira e o lourinho de Copacabana... Depois virão atrás de você, na faculdade, gritando “papai, papai”.

As gargalhadas foram monumentais.

O meu amigo compreendeu: as relações só podiam realizar-se dentro do matrimônio: “Está certo, o problema é que, o senhor sabe, sou doido por menina... e além disso eu sou fraco”. Disse: “Bem, essa é outra questão”.

Antes, porém, de entrar nessa questão é preciso abordar o terceiro ponto: se se deseja o filho nas relações pré-matrimoniais, perguntamos: existem realmente garantias para sua perfeita educação?

Os estudos de pedagogia familiar são unânimes em afirmar que o desenvolvimento sadio de uma criança e de um adolescente exige a participação solidária da ternura materna e da firmeza paterna. Sem elas, faltam também alguns elementos importantes para adquirir a plena maturidade humana.

Voltamos a perguntar: uma relação pré-matrimonial ou extramatrimonial oferece essa garantia? Garantia de estabilidade afetiva, educacional – solidária –, social e econômica? Sinceramente pensamos que não. E é o filho inocente que sofre as consequências. Aliás, como se sentirá essa criança ao perceber que é filho de “mãe solteira”?

6. A doutrina da Igreja e suas consequências

A Igreja sintetiza essa doutrina da seguinte maneira:

Como ensina a experiência, para que a união sexual possa corresponder verdadeiramente às exigências da sua finalidade própria e da dignidade humana, o amor tem de contar com a salvaguarda da estabilidade do matrimônio.

Tais exigências demandam um contrato conjugal sancionado e garantido pela sociedade, contrato este que instaura um estado de vida de capital importância tanto para a união exclusiva do homem e da mulher quanto para o bem da sua família e da comunidade humana. O mais das vezes, efetivamente, as relações pré-matrimoniais excluem a perspectiva da prole; o que se pretende fazer passar como um amor conjugal não poderá assim – ao passo que o deveria absolutamente – vir a desenvolver-se num amor paterno e materno. Ou então se o faz, isso será fatalmente em detrimento dos filhos que se verão privados de um ambiente estável, em que eles deveriam criar-se e desenvolver-se como convém e poder encontrar a via e os meios para a própria inserção na sociedade¹⁴.

A limpidez e a integridade do comportamento dos namorados e noivos antes do casamento, contudo, não se reduz apenas, em termos morais, a evitar as relações sexuais. Evidentemente, o trato – além de desenvolver uma profunda amizade e afeição – há de ser delicado e respeitoso. Seguindo a norma evangélica de “fazer com os outros o que desejaríamos que fizessem conosco”, o relacionamento mútuo deveria ser igual ao que, por exemplo, se desejaria a uma irmã muito querida e seu namorado ou semelhante ao relacionamento que seus próprios pais desejariam a você.

Por isso é recomendável que os namorados se comportem sempre como se estivessem diante de seus pais ou diante de Deus, que, de fato, está em todo lugar. Não será difícil, procedendo assim, que eles compreendam as orientações que a moral cristã oferece nesse sentido: os beijos, abraços e carícias devem ser mais uma expressão de afeto e carinho do que uma satisfação sexual. Desse modo, evitarão toda ação que provoque uma

excitação sexual ou possa levar ao orgasmo, ainda que inexista uma relação sexual propriamente dita.

Isso não representa algo negativo, mas algo tão positivo como criar as condições de um verdadeiro amor¹⁵.

7. A pureza é libertação

O domínio do sexo não é recalque; é libertação. A pureza evangélica não se levanta diante do rio da nossa afetividade como uma imensa muralha de repressão. Apresenta-se melhor como as beiradas que canalizam e conduzem as águas para o mar.

As beiradas dizem *não* aos desvios, aos córregos laterais que terminam no pântano da ineficácia e da podridão. Mas dizem *sim* ao leito em que as águas límpidas cantam, correndo para o mar e onde se dilatam. Assim, o amor.

Portanto, mais uma vez, a castidade não representa recalque, mas uma libertação. Diz *não* ao descontrole sexual, ao prazer que se torna vício, à paixão irracional, à leviandade romântica, ao pântano onde o sentimento apodrece atacado pelas bactérias da sensualidade. Mas diz *sim* ao amor transparente, que espelha a profunda harmonia da natureza humana, que enche de felicidade os corações, de fecundidade os lares e que termina se dilatando no mar infinito do “amor de Deus”.

O amor de Deus! Os homens não suspeitam do verdadeiro significado do amor até que experimentam o amor de Deus. Deus não é uma “energia”, uma “força cósmica”, é um ser personificado que se define pelo Amor. Todos os amores saíram de Deus e em Deus se encontram elevados a um grau infinito: o amor do namorado pela namorada, o amor da noiva pelo noivo, o amor indissolúvel e mútuo dos cônjuges, o amor da mãe pelo filho, do pesquisador pelo fruto de seus esforços... Todos esses amores são como pequenas faíscas que saíram da incomensurável e ardentíssima fogueira do amor de Deus.

Cada uma dessas faíscas é como uma partícula saída do amor de Deus, como um apelo do amor de Deus que exige uma renúncia, como o rio que renuncia ao pântano, o marido que renuncia à mulher que não é a esposa. Compreendemos o que significa a pureza: definição da integridade do amor, renúncia gozosa em prol da pessoa amada!

Quando um homem sente no seu coração toda a beleza da natureza humana e nela a infinita formosura de Deus, pode cantar como Davi: “O meu coração e a minha carne exultaram no Deus vivo”.

Pureza é exultação, vibração, mas não recalque – *tabu* – e negação, como nos fazem crer alguns psicanalistas que pouco têm de cientistas. Pelo contrário, a ciência psiquiátrica moderna fala uma linguagem diferente. Baruk, por exemplo, relata uma série impressionante de casos, da qual se deduz com toda evidência que “os indivíduos caem na psicose e na agressividade por terem cedido muito facilmente aos seus desejos, recalcando as exigências da consciência moral”¹⁶.

A propósito, lembremos das palavras que o grande romancista italiano Vitalino Brancati colocou na boca de Paolo il caldo, que não se podia ser chamado precisamente de “carola”:

Você, que me aconselha a ir aos médicos psicanalistas... diga aos seus amigos que nenhuma coisa dá tanta felicidade como a abstinência... Os seus médicos psicanalistas têm sempre procurado saber se eu teria reprimido qualquer impulso sexual. Oh! Não, garanto-lhe! Não recalquei nenhum impulso desse gênero! Pelo contrário, sabe que coisa arranquei, que coisa expulsei da consciência e lancei na cloaca de mim próprio? O pudor, a caridade, um mandamento do Evangelho! Sabe o que eu calquei aos pés e reduzi a silêncio? Jesus Cristo em pessoa¹⁷.

8. A prática da castidade

“Não há deturpação pior do que a deturpação do melhor”, diz um antigo provérbio filosófico. E acrescentamos: não há recalque pior do que o recalque do melhor; não há nada melhor do que o Amor: quem recalca o Amor com os pés do sexo sentirá a tristeza até à náusea; quem canalizar e elevar o sexo até a altura do Amor sentirá a sublime impressão de ter no coração a inefável experiência do divino.

Por isso, o espírito de sacrifício e de renúncia que um solteiro e um casado devem ter para viver a castidade é uma força ascensional, um impulso libertador. É assim que falei ao amigo Gustavo, o simpático estudante de medicina citado há pouco e que me disse: “o problema é que sou ‘doido’ por menina e além disso sou fraco”. A questão, respondi-lhe, consiste em escolher o verdadeiro amor e lutar para ser fiel e estar à altura da sua dignidade humana e da sua condição de filho de Deus.

O problema de impureza é um problema indireto, de substituição: um problema de amor. Não se trata de não fazer, mas de amar. Não se trata de negar, mas de afirmar. Não se trata de abafar, mas de elevar. Quando um grande amor nos chama às alturas – como o amor de Cristo ou o amor conjugal –, todos os impulsos físicos se ascendem e se sublimam.

É por isso que a pureza – que, repito, não é recalque, mas conquista do autêntico amor – representa uma verdadeira vitória, como a meta representa para o atleta e o cume, para o alpinista. Em razão disso, igualmente, ninguém pode chamar de antinatural tanto a renúncia do atleta para se manter em forma como a do jovem para viver a sua pureza.

É evidente que existe na pessoa humana uma perfeita unidade psicossomática: o que afeta o corpo atinge também a alma e vice-versa. O que está nos pensamentos, na memória, na imaginação, nos sentimentos, passa às glândulas, provoca os hormônios, excita o corpo. E, em sentido

inverso, os excessos na bebida, na comida, no descanso, não param no corpo, mas passam ao espírito.

Daí que seja tão importante a disciplina tanto do corpo quanto da alma. A título de exemplo, sugerimos algumas ideias que devem ser consideradas: dormir somente o necessário (entre sete horas e meia e oito parece o medicamento recomendável); deitar-se e levantar-se sempre numa hora certa; não dar margem à preguiça; comer e beber apenas o essencial; não se deitar durante o dia; cuidar do pudor; selecionar os programas de televisão, de Internet, de cinema etc.; ficar alerta na rua, na praia, na escola, no trabalho; não namorar em lugares que deem margem à fraqueza...

À medida que nos habituarmos a essas práticas corriqueiras estaremos nos preparando para utilizar, quando necessário, os recursos extraordinários: “para defender a sua pureza São Francisco revolveu-se na neve, São Bento se jogou num silvado, São Bernardo mergulhou num tanque gelado. ‘Tu, que fizeste?’”¹⁸.

A ascética cristã, entretanto, sempre recomendou o que se poderia chamar “medicina preventiva”: fortalecer a vontade, o corpo e o espírito. Para tanto, é importante que nós mesmos tomemos essa iniciativa, programando determinados exercícios necessários para estar sempre em forma: fazer pequenos sacrifícios voluntários na comida e na bebida – por exemplo, atrasar uns minutos um copo d’água e abster-se de comer alguma guloseima; suportar com bom humor um atraso, uma contrariedade, uma má notícia; levantar imediatamente ao toque do despertador; tomar banho frio; prestar um serviço em casa quando chegar cansado da escola ou do trabalho; tratar com amabilidade os colegas antipáticos; controlar o olhar e a curiosidade; não adiar os deveres enfadonhos; não abrir a geladeira fora de hora etc. Nesses pequenos “exercícios”, robustecemos a nossa vontade.

É também necessário revigorar o corpo: não lhe dar excessiva “moleza”; não tratá-lo de “fofinho”, de “almofadinha”; acostumá-lo a intempéries – frio e calor –, praticando, por exemplo, o “surfe”, o montanhismo; criar reservas

e potencialidades, sem poupá-lo do cansaço; exercitá-lo na ginástica, no *cooper*, no esporte.

Especialmente, porém, devemos fortalecer o espírito: com a oração e os sacramentos, singularmente o da Confissão e o da Eucaristia. A confissão frequente, porque esta não apenas perdoa os pecados já cometidos, mas dá forças para superar as tentações futuras; e a Eucaristia, porque ela é o grande alimento que revigora o espírito.

Uma diminuição da frequência do sacramento da reconciliação está sendo superada pela Igreja, que vinha sofrendo há tempos com isso, em grande parte por causa do individualismo e da autossuficiência própria do pós-modernismo. Este sacramento da divina misericórdia, que tanta paz traz a alma, é indispensável para receber a Eucaristia, quando se comete um pecado grave. É preciso vencer a vergonha que traz consigo a confissão dos próprios pecados, especialmente no tocante à castidade. Se nesse terreno – *per se* delicado – há uma inibição mais forte, deve-se solicitar a ajuda ao confessor, que deve fazer-nos talvez algumas perguntas. É muito difícil superar um problema de pureza sem o incentivo de um bom sacerdote e da ação eficaz da graça sacramental. Ao lado disso, de forma eminente, a devoção a Nossa Senhora. A Igreja sempre nos falou dela como a “Mãe do Amor Formoso”, o ideal supremo da pureza: junto de sua belíssima figura, o coração humano experimenta um impulso de ascensão.

⁹ Paulo VI, *Humanae vitae*, n. 12.

¹⁰ Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração sobre alguns pontos de ética sexual*, n. 9, Petrópolis: Vozes, 1976, p. 12.

¹¹ Esta ideia foi desenvolvida com profundidade por Javier Hervada, em *Diálogo sobre el amor y el matrimonio*, Pamplona: Eunsia, 1974, p. 135. [t.n.]

¹² Os dados científicos foram recolhidos do médico Auraliano Dias Gonçalves, *A Vida em Casal*. 6. ed., Braga: Franciscana, 1980, p. 176-178.

¹³ Paulo VI, op. cit.

¹⁴ Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, op. cit., n.7, p. 10.

¹⁵ O Comitê Permanente do Episcopado do Chile (Declaración Matrimonio y Divorcio) diz a respeito algo que se poderia ver como uma conclusão do que expusemos neste item: “Queremos reiterar o que a Igreja sempre afirmou sobre as relações sexuais pré-matrimoniais sentidas hoje por muitos jovens como um preâmbulo natural ou ainda conveniente ao matrimônio: que a verdadeira preparação matrimonial é a pureza, o respeito mútuo, o domínio esforçado sobre a natural impaciência da paixão, o afã nobilíssimo de situar o centro de gravidade da relação acima dos sentidos. Só pode entregar-se o corpo quando com ele se entrega a vida inteira no compromisso do matrimônio. Só então, dentro dessa comunidade definitiva de amor na sociedade e na Igreja, é santa a entrega dos corpos: antes, não pode ser senão ambígua antecipação, aberta aos enganos, às amarguras e frustrações que a experiência mostra onde quer que seja quebrada a ordem verdadeira do amor cristão”.

[16](#) Les méthodes scientifiques d'étude de la conscience morale en psychologie et en psychopathologie individuelle e sociale, em *Le coupable est-il un malade ou un pécheur?* Paris: Spes, 1951, p. 98. Citado por Johannes B. Torello, *Psicanálise ou confissão?*, Lisboa: Aster, 1967, p. 37. [t.n.]

[17](#) Vitalino Brancati, *Paolo il caldo*, Milão: Bompiani, 1955, p. 362, em Johannes B. Torello, op. cit., p. 37-38.

[18](#) Josemaria Escrivá, *Caminho*, São Paulo: Quadrante, 1989, n. 243.

Sexualidade e amor

1. O sentido genuíno da sexualidade

No último quadrante do século XX e na primeira década do século XXI, o sexo assumiu um papel desproporcional. Enrique Rojas, catedrático de psiquiatria na Universidade de Madri, especialista nessa matéria, diz que é preciso “situar a sexualidade no terceiro ou quarto lugar dos nossos interesses pessoais [...] Sabemos que esta afirmação é impopular porque o mundo atual entende a sexualidade como um bem de consumo e a mercantilizou”¹⁹. Por isso foi deslocada para um primeiro lugar na escala de valores consumistas. Desperta-se a paixão, como estímulo comercial, para melhor “vender” o sexo na forma de filme, de novela, de televisão, de motel e até de sabonete ou comida de cachorro.

Por outra parte – continua dizendo o mesmo catedrático de psiquiatria – o hedonismo e a permissividade tornaram as relações sexuais algo frequente, trivial e intranscendente. Daí derivaram atitudes de sexualização da sociedade que levaram a uma degradação da relação interpessoal: antes que exista um encontro realmente humano, já houve em bastantes casos uma relação sexual pouco séria. As consequências estão aí: o homem moderno pode chegar a comportar-se nesta matéria concreta como animal, ainda que haja animais que tenham inclusive maior categoria.

A educação sexual nada, hoje mais do que nunca, contra a corrente. Trata-se de ir superando as marés do hedonismo, do materialismo, da erotização das relações, do subjetivismo moral e da própria moral de situação e de tantas outras marés ideológicas. Por isso é preciso urgentemente alcançar uma educação sexual que desenvolva o amor dentro dos parâmetros da dignidade humana.

A sexualidade é algo natural, está inscrita na Natureza e, portanto, é boa; mas a sexualidade humana é mais rica e densa do que o mero contacto corpo a corpo; não pode reduzir-se ao puramente físico e gostoso; comporta, pelo contrário, um intercâmbio complexo de ingredientes físicos, psicológicos e espirituais... através dos quais se produz um paulatino encontro do próprio eu na entrega do outro²⁰.

Estas palavras tão acertadas devem nos fazer pensar. É necessário que o sexo esteja limitado ao cumprimento da sua função específica. “Caso contrário, degrada; não chega a constituir uma função específica (por muito que se insista em utilizar esta palavra) mas a torna depravada”²¹. Uma vida sexual sadia é uma vida de acordo com a natureza, ou seja, com o sentido que Deus outorgou à relação sexual natural.

No homem, até a função mais biológica, animal ou sensitiva está impregnada de afetividade e de racionalidade, porque ele é uma unidade psicossomática. Daí que a mera satisfação sexual é uma etapa mais encaminhada ao cumprimento de uma função mais elevada, que é a fusão completa de duas personalidades e de duas vidas.

Por isso, precisamente na união do homem e da mulher, ao lado da finalidade puramente física, existe, de modo também natural, o amor, a integração das personalidades, a intercomunicação e a cooperação mútua. A respeito desse assunto, escreve Polaino-Lorente, catedrático de psiquiatria da Universidade de Madri:

Quando se exclui ou marginaliza o compromisso afetivo nas relações interpessoais, a relação humana fica afundada, perturbando-se e descendo a um nível mais baixo do que o das relações entre animais. O homem e a mulher ainda que funcionalmente possam entrelaçar-se como seres anônimos, de fato, nem o são nem jamais o podem ser. O tratamento do homem pela mulher e vice-versa, como simples objeto de prazer, é sempre um atentado contra a essência metafísica do homem. A repressão da dimensão afetiva gera sentimento de culpa, de subestimação, de nojo, de náusea etc. – inclusive entre os não cristãos – que acaba por cercar a pessoa no estreito perímetro da neurose. A reorientação da sexualidade humana no marco da antropologia cristã exige satisfação das quatro dimensões da mesma – a dimensão generativa, a afetiva, a cognoscitiva e a teocêntrica –; e quando se satisfazem todos esses requisitos do comportamento sexual brota uma atividade finalista... plena de sentido, personalizada (...), e, conseqüentemente, sobrenaturalizada²².

Freud sustentava que o sexo é o fator mais importante da personalidade humana e que tudo deve ser interpretado através desse prisma. Nos mais

atualizados estudos antropológicos, no entanto, a teoria “pansexualista” (tudo é sexo) já foi ultrapassada. Essa “inflamação” do sexo, como a denominava Jung, o principal discípulo de Freud, deforma a personalidade humana, não podendo ser interpretada só por essa perspectiva. Para Jung, partir dessa perspectiva seria o mesmo que pretender estudar a catedral de Colônia baseando-se apenas na mineralogia, já que foi construída com pedras.

Todo ser humano está constituído de sexo, mas ele é muito mais que isso, assim como uma catedral é muito mais que pedra. Há uma dignidade, uma grandiosidade que supera a carne, as glândulas e os hormônios. Nossa personalidade não está condicionada aos instintos, como acontece com os animais. O homem não pode ser equiparado a um cachorro, nem a mulher a uma cadela. No homem há uma dimensão racional e espiritual que ultrapassa qualquer reducionismo material, somático ou sexual.

A fenomenologia e a análise existencial declararam o quanto havia de dogmatismo e preconceito na teoria freudiana. Assim o explicaram filósofos como Bergson, Husserl, Max Scheler, Gabriel Marcel, Merleau-Ponty e psiquiatras de linhas variadas como Kretschmer, Von Gebsattel, Allers, Frankl, Binswanger e Boss.

Insiste-se, ainda, que a Igreja converteu o sexo em algo condenável, que deve ser evitado, em um *tabu*. O cristianismo, porém, sempre anunciou o propósito de ordenar o instinto sexual, como qualquer outro instinto. Isso não é tabu, é domínio de si próprio, maturidade.

Hoje, aliás, o tabu do sexo tem desaparecido. A pornografia, a sociedade do consumo, a dissolução dos costumes apresentam o sexo como reclame comercial e passarela de Carnaval. Paradoxalmente, o tabu passou a ser a castidade, objeto de vergonha, que deve ser ocultado e combatido.

O tabu dos nossos dias não é o sexo, mas a pureza de vida, um mandamento evangélico que muitas vezes se recalca produzindo distúrbios,

não só espirituais, mas também psicológicos. O chamado tabu de tempos idos foi substituído por outro novo e agressivo tabu, que é o *antitabu*.

Como exemplo desse fenômeno, poder-se-ia citar o da moça que tem vergonha de dizer que é virgem ou do rapaz solteiro que esconde o fato de não ter tido relações sexuais.

A pressão da sociedade é tão grande que há moças que pensam – contrariamente à realidade – que um rapaz não gostará delas por serem ainda virgens. Ignoram que a maioria dos homens prefere casar-se com uma mulher virgem.

A propaganda do antitabu, realizada pelas moças que perderam a virgindade ou pelos rapazes que desejam aproveitar-se das moças virgens, é de tal ordem que muitas entregam a riqueza da sua virgindade num lance qualquer do namoro, sem perceber que a virgindade é comumente estimada, tanto entre cristãos quanto entre pagãos, como uma qualidade que sua futura esposa possuísse, um verdadeiro tesouro.

O Código Civil Brasileiro de 1916, aliás, considerava o erro sobre a virgindade da esposa como motivo suficiente para anular o casamento (Art. 219, IV). Tal é o valor que secularmente concedeu o povo brasileiro a tal qualidade.

Existem pessoas, contudo, que ainda persistem em afirmar que dominar o sexo é reprimi-lo, recalcar-lo, o que resulta em sérios problemas psicológicos. O que pensar a respeito dessa mentalidade?

Devemos pensar que recalcar algo que é bom não deixa de ser reprovável. Não se deve recalcar os sentimentos nobres que nos elevam, como o amor, que nos leva à plenitude. Renunciar a amar é renunciar a ser: é um autêntico suicídio. Mas não se recalca o que se canaliza e ordena. A castidade não representa, como já mencionado, as barragens que bloqueiam o rio, mas as beiradas, que permitem que as águas evitem a imobilidade do pântano e corram límpidas até o mar onde se aprofundam e dilatam.

Dominar o instinto sexual é como dominar a tumultuosa torrente de um rio de montanha, evitando o seu tremendo poder de destruição e permitindo que suas águas movam as turbinas geradoras de energia, iluminem as cidades e fertilizem os campos.

O sexo, quando não controlado, destrói os corpos e as almas, os matrimônios e os lares, as famílias e toda a sociedade. Quando bem conduzido, porém, dilata os corações e fecunda os lares. A castidade, por isso, não é algo negativo – repressão ou recalque –, mas a potencialização do amor. Algo extremamente positivo.

Nas primeiras décadas do século XX propalou-se a ideia de que a castidade poderia *recalcar* o sexo, tornando o homem neurótico. As pesquisas dos últimos anos, no entanto, confirmam algo diferente: num mundo em que a libertinagem e a permissividade sexual alcançaram altos níveis, o homem é cada vez mais imaturo e neurótico. Não é a castidade que provoca a neurose, mas a falta de sentido da sexualidade, do amor, da vida e da morte.

Os desvios da sexualidade têm uma conotação especialmente grave quando se referem aos jovens, podendo, isso, ser observado até mesmo no pensamento de autores que não se baseiam numa fundamentação cristã, como veremos a seguir.

2. O sexo triste dos jovens e a ditadura do prazer

“O sexo triste dos jovens e a ditadura do prazer” é o título de um artigo escrito na revista *Veja* por Lya Luft²³ de um ponto de vista puramente humano e psicológico.

Se possível, enterrava numa cova funda, varrida para baixo de mil tapetes, fazia de conta que não existia: o sexo (ou o simulacro do sexo) sem encanto, sem afeto, (...), o sexo triste ao qual são coagidos pré-adolescentes, quase crianças, em famílias de classe média e alta. Essas que pensamos estar menos expostas às crueldades da vida. (...)

Seu mal vem sob outro pretexto: o de ser moderno e livre, ser aceito numa tribo, causas de admiração ou inveja. Cresce, que eu saiba, o número de meninas de 12 a 14 anos grávidas. O impensável ocorre muitas vezes em festinhas nas quais se servem bebidas alcoólicas, não há nenhum adulto por perto, e ninguém imaginaria o que ia rolar.

Nessas ocasiões podem rolar coisas assombrosas sob o signo da falta de informação, autoridade e ação paternas. Nem sempre, mas acontece. Crianças bêbadas no chão do banheiro de clubes chiques, adultos cuidando para não sujar o sapato no vômito não são novidade (ambulância na porta, porque algumas dessas meninas ou meninos passam mal de verdade): quantas meninas consigo beijar na boca numa festa dessas? Em quanto meninos consigo fazer sexo oral? Sexo que vai congelando as emoções ou traz uma doença venérea, quem sabe uma absurda gravidez interrompida num aborto de sérias consequências nessa idade, ou mantida numa criança que vai parir outra criança.

“Roubaram a sexualidade desses meninos”, disse uma excelente terapeuta. Não deixaram emoção, mas uma espécie de agoniado espanto nessas criaturas inexperientes que descobrem seu corpo da pior maneira, ou aprendem a ignorá-lo, estimuladas ou coagidas por incredulidade ou fragilidade familiar, pelo bombardeio de temas escabrosos com que nos assedia a TV e na Internet com cenas grotescas, gracejos grosseiros em torno do assunto “valores” e “pudor”, palavras hoje arcaicas. Efeito da pressão de uma sociedade imbecilizada pela ordem geral de que ser moderno é liberar-se cada vez mais, sem saber que dessa forma nos aprisionamos. Precisamos estar na crista da onda em tudo: sendo as mais gostosas e os mais espertos, desprezando os professores e iludindo os pais, sendo melancolicamente precoces em alguma coisa e tão infantilizados e ignorantes em outras, nisso incluindo nosso próprio corpo, emoções, saúde e vitalidade.

A nós, adultos, cabe não desviar os olhos, mas trabalhar na esperança (caso tenhamos) de que nossos adolescentinhos, às vezes ainda crianças, vivam de maneira natural essa delicada fase e, um dia, conheçam o sexo com ternura. (...) Que essas criaturinhas sejam

mais informadas, mais conscientes do que, muito mais protegidas que elas, nós éramos. Mas seguras e saudáveis não precisando lesar sua bela e complexa intimidade com tamanha violência mascarada de liberdade ou brincadeira. Sobretudo, sem serem estimuladas a lidar de modo tão insensato com algo que lhes pode causar traumas profundos, ou anular um aspecto muito rico de sua vida. É difícil, mas a gente precisaria inventar um movimento consciente, cuidadoso, responsável, contra essa onda sombria que quer transformar nossas crianças em duendes pornográficos, deixando feias cicatrizes e fechando-lhes boa parte do caminho do crescimento e do aprendizado amoroso²⁴.

Poder-se-ia fazer uma descrição mais crua de uma situação real que se alastra em todas as áreas e classes sociais? Não é essa a opinião de um moralista, mas a de uma escritora que habitualmente colabora numa revista que não pode ser precisamente considerada como “católica”.

Aqui poderíamos acrescentar outro artigo – escrito por Arnaldo Jabor no jornal *O Globo*, ambos tampouco considerados “católicos” – intitulado “O prazer deixa muito a desejar. Vivemos a ditadura do prazer obrigatório”:

O prazer deixa muito a desejar, o prazer nos deixa insatisfeitos porque acaba logo. O problema do prazer é que ele sempre demanda mais prazer, orgias mais perversas, drogas mais alucinantes. O prazer não quer ter fim. “Ah... e a felicidade?” – perguntam-me. (Se bobear, viro conselheiro sentimental...). Bem, a felicidade seria um prazer mais duradouro, comedido. Mas a felicidade está fora de moda em tempos tão velozes. A felicidade é analógica e o prazer digital. A felicidade ficou chata, tem de ser administrada, dosada e é feita também de dores, sofrimentos e dúvidas. O prazer não; pega, mata e come. Todos fingem ter prazer – é mais comercial. As caras das revistas ostentam uma gargalhada eterna. Prazer é voraz; quer botar o mundo para dentro, sugar, comer o mundo como um pudim, pela boca, por todos os buracos. Prazer é “cool”. Felicidade é careta.

Mas vamos nos deter no capítulo do orgasmo, este retumbante final de sinfonias. O problema do orgasmo é a memória e a esperança. É bem fácil lembrar de um grande gozo no passado (mesmo ilusório) ou imaginar um grande uivo no futuro que ainda não chegou. Já o orgasmo no presente é assaltado por muitos estorvos: uma sirene de polícia, o medo de falhar, a campainha do vizinho. (...)

Mas, você só pensa em sexo, dirão vocês. É... fazer o quê, se o sexo está tomando o lugar de todos os outros desejos? A verdade é que o prazer anda de cabeça baixa,

deprimido, apesar do eufórico exibicionismo em revistas de celebridades. O prazer é obrigatório no mercado. Não queremos amar, queremos consumir alguém. Queremos ter o ritmo das coisas e, na progressiva digitalização do sexo, os corpos tendem a ser o campo de provas da eficiência dos mecanismos de prazer. (...)

Mas aí, dirá o leitor mais reflexivo, mais estoico, menos epicurista, mas sábio e, talvez, mais velho: “Sim, mas e a contemplação calma da natureza, os lagos dourados, as flores e as crianças correndo, e as auroras, os céus estrelados? E a arte? Isso não é prazer?” Sim, sim, mas, por trás dessa calma contemplação de auroras e belezas, florestas e oceanos, há um ensaio para o fim, há o preparo para o maior prazer de todos, há a saudade oculta de algo que está além da vida, ou antes dela. Entre flores e lagos dourados contemplamos nosso fim. É uma saudade não sabemos de quê...

A matéria quer paz. A matéria olha nossos arroubos de vida e espera pacientemente que acabe a valentia para voltarmos ao prado, à grama, à terra, ao sossego da tumba. Mais além do princípio do prazer, está a invencível vontade de morrer. A matéria sonha com a paz. Nós não sabemos ainda, mas nosso grande prazer será sentido quando não estivermos presentes²⁵.

Mas em meio a tanta liberdade, nunca fomos tão solitários, porque falta amor; Arnaldo Jabor, na sua aparente superficialidade, anda beirando os abismos mais profundos. É claro para ele – diríamos que para todos nós – que o prazer nos deixa frustrados, porque acaba logo; que há em todos nós um desejo muito forte, muito íntimo de felicidade e de amor. E porque não encontramos o amor nos sentimos solitários: nunca o homem foi tão solitário porque nunca o homem esteve tão longe do verdadeiro amor... *Há uma saudade oculta de algo que está além da vida. Entre flores e lagos contemplamos o nosso fim. E tem-se saudade de não sabemos o quê. É a saudade de um amor sem fim, de uma felicidade ilimitada: “Criaste-nos, Senhor, para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em ti”.* Essas palavras, escritas por um homem tremendamente insatisfeito, como era Santo Agostinho, que buscava no amor carnal a felicidade, estão subliminarmente implícitas nas palavras de Arnaldo Jabor.

Não nos enganemos. Já o dissemos muitas vezes. Todos nós procuramos a felicidade – muito mais profunda que o prazer. Parece-nos que hoje a maioria corre à procura dela no sentido contrário em que ela se encontra, e

isso afeta especialmente os jovens: é a amargura do sexo triste; é a frustração, o tédio, a decepção depois de um prazer tão intensamente buscado. Por isso é que se procuram mais e mais, como diz Arnaldo Jabor, “as orgias mais perversas e as drogas mais alucinantes”. “O prazer não quer ter fim, sempre demanda mais prazer”. Quando percebemos essa multidão de jovens que se drogam até a dependência química mais animal, poderíamos nos perguntar: são assim tão depravados? Não – responderíamos –, é que são carentes. Estão à procura de um amor que não encontram no sexo. Se queremos ter uma profunda alegria de viver, deveremos ao mesmo tempo procurar uma profunda vivência do amor. Quantas vezes, ao longo da minha vida, me deparei com gestos de amor que ultrapassavam em muito as meras satisfações sexuais!

O primeiro que me vem agora decorre do segundo ano de minha vida universitária. Estudante de Direito em Salamanca. Tarde de inverno gelada. A velha cidade universitária com as suas pedras patinadas pelo tempo estava coberta pelo manto branquíssimo da neve. Os termômetros já tinham descido a mais de cinco graus negativos. Agasalhado no espesso sobretudo, mãos engolfadas em luvas de couro, sentia ainda o vento frio de Castela penetrar meu corpo.

De repente, diante de meus olhos surpreendidos, encontrei no pequeno parque da faculdade – imóveis – uma moça e um rapaz sentados num banco. Não falavam. Entreolhavam-se demoradamente. E sorriam extasiados. Mas o que me deixou atônito foram as mãos deles. Estavam entrelaçadas, roxas de frio. E as luvas, caídas na neve...

Então pensei: só o amor pode fazer isso.

E parecia que algo por dentro me dizia... “Para amar de verdade, é preciso jogar fora as nossas luvas, as nossas reservas que nos separam da intimidade de um amor que supera em muito o próprio prazer”. O prazer é epidérmico, superficial e transitório; o amor é substancial e permanente. Aqueles namorados sofriam a dor causada pelo frio, mas estavam felizes.

O amor, ainda que leve consigo o sacrifício da doação, é a fonte secreta da felicidade. Quando um homem esquecido da sua própria felicidade se lança a realizar um ideal de amor superior a si próprio, acaba por atrair sem querer a sua própria felicidade. Porque, como escreve Kierkegaard, “a felicidade encontra-se numa sala muito bela na qual todo mundo quer entrar. Porém, tentam abrir a porta para dentro, para si, mas, quanto mais a querem abrir para si, tanto mais a trancam, porque a porta se abre para fora, para os outros”; imagem que emoldura um princípio estabelecido vinte séculos antes por Cristo quando disse: “Quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim [...] a salvará” (Mc 8,35).

A felicidade do amor não reclama o prazer, demanda doação: *construir o coração dos outros com os pedaços do nosso coração.*

3. O verdadeiro sentido do amor

O amor é algo grandioso. É o grande motor da existência. Um homem “aposentado” no amor é um homem aposentado da vida, um homem decadente. “O amor é a vocação fundamental e nativa de todo ser humano” – disse João Paulo II. O amor é a força da vida. “*O amor é forte como a morte*” (cf. Ct 8,6).

Mas que é o amor? Será possível descobrir essa força avassaladora nos encontros epidérmicos da relação puramente sexual? Poderá essa energia gigantesca ser encontrada nos namoricos de fim de semana, de praia ou de motel? Seria ridículo afirmar tal coisa. Então, como identificar esse amor?

O filósofo alemão Josef Pieper pergunta-se precisamente:

Que significa *em geral* “amar”: amar a música, o amigo, a pessoa amada ou o próprio Deus?

Estou convencido de que há uma resposta para esta questão. E a resposta é a seguinte: amar alguém denota *aprovação*. Amar algo ou amar alguém sempre significa afirmar: “Como é bom que isto exista”; como é bom, como é maravilhoso que você esteja no mundo! (...)

O amor, sendo uma espécie de reiteração do ato criador de Deus, é uma dádiva.

Quando alguém é amado interesseiramente pelo que pode dar, pela felicidade ou pelo prazer que pode proporcionar, e não pelo que é em si como pessoa humana, então não é amado. Pode ser utilizado, instrumentalizado, mas não amado. Pode ser um bom complemento para a própria realização, mas não é um ser amado na plena acepção da palavra.

Talvez seja Bernardo de Claraval quem atingiu com maior acerto o âmago da questão. Afirma ele: “Todo o amor verdadeiro é sem cálculo, mas nem por isso deixa de ter a sua recompensa; no entanto, só pode recebê-la se for sem cálculo. Quem procura no amor algo diferente do amor, perde não somente o amor, mas também a alegria do amor”²⁶.

Pode-se fazer um diagnóstico mais claro ao tentar-se encontrar as causas de tanto sexo triste, de tanto “casamento triste”?

Já quando se procura a felicidade do outro; quando alguém é movido por uma atitude parecida ao ato criador de Deus, que disse “quero que existas porque quero que sejas feliz”; quando no fundo da alma nos sentimos felizes precisamente porque essa pessoa existe; quando, apesar dos sacrifícios, nos alegramos porque contribuímos para a realização dessa pessoa – então estamos conjugando de forma apropriada o verbo “amar” no seu verdadeiro e pleno significado.

Mais ainda, podemos dizer que esse amor sem cálculo, gratuito, sem recompensa, encontra de forma paradoxal a sua maior recompensa sob a forma de felicidade. A recíproca também é verdadeira: ficamos felizes e nos comovemos profundamente quando verificamos que alguém nos ama pelo que somos, e não pelo que lhe damos, e quando se entrega a nós sacrificadamente! Experimentamos um arrepio imenso de emoção quando verificamos que alguém está disposto a dar a sua vida por nós sem nenhum interesse, apenas por amor, *por puro amor*. E que sensação diferente – tristeza, decepção – experimentamos quando verificamos que somos amados não pelo que somos, mas pelo prazer que comunicamos, como se fôssemos – conforme diz Pieper de forma impiedosamente drástica – “um mecanismo que se usa para a própria diversão”.

4. Atitude dos jovens perante o matrimônio

Os que desejam contrair matrimônio religioso devem compreender, em primeiro lugar, que *o único e verdadeiro matrimônio entre batizados é o religioso*.

O *casamento civil* sem o religioso é considerado pela Igreja uma *união irregular* que conduz os cônjuges a uma situação permanente, impedindo a recepção do sacramento da Eucaristia.

O matrimônio religioso para batizados – o único realmente válido, repetimos – é também sacramento. Eles, portanto, aderem, perante a Igreja, a uma instituição natural elevada por Cristo à dignidade de sacramento. Estão, em última análise, assumindo uma instituição natural preexistente com as suas finalidades e propriedades peculiares, *objetivas*, que independem da vontade subjetiva dos nubentes.

Podem aderir ou não. Para isso são absolutamente livres. Mas, uma vez que aderem, devem submeter-se a características objetivas próprias da instituição matrimonial.

Essas características exigem, como já vimos, que a relação sexual e o amor conjugal não se separem da fecundidade. Em outras palavras, os noivos não podem visar apenas a felicidade subjetiva, a satisfação sexual e o amor independentemente das suas consequências naturais e objetivas, que são os filhos. Ambas as finalidades devem estar sempre unidas.

É muito compreensível que nos jovens nubentes a paixão amorosa deslumbre e impeça de enxergar com o devido relevo a finalidade procriativa. É tão forte o impulso afetivo e sexual que a perspectiva de futuros filhos pode ficar na penumbra. É natural que seja assim. Mas o natural deve elevar-se ao nível do racional e do sobrenatural. É natural, sim, que o homem perca o controle quando, por exemplo, está esfomeado, mas é também lamentável que o natural-humano venha a se identificar com o

natural-animal, como no caso de Esaú, que vendeu a Jacó todos os direitos da primogenitura por um prato de lentilhas (Gn 25,31-34;27,1-46).

Que deveria responder a moça ao namorado ou ao noivo se este lhe dissesse: “demonstra que me ama entregando-me o seu corpo”. Se o namorado ou noivo apresentasse essa chantagem, a qual muitas moças não têm coragem de contestar, deveriam dizer: “Se você realmente me amasse, não me pediria algo que me magoasse e que vai contra os meus princípios. Prove que me ama esperando o grande dia do nosso casamento. Demonstre-me o seu amor, fazendo esse sacrifício por mim, pelo nosso futuro lar, pelos nossos filhos. Dê-me um definitivo sinal de que me ama muito mais pelo que sou do que pelo prazer que poderia proporcionar a você”.

Os nubentes devem entender, igualmente, que é necessário transformar o instinto natural em racional e o racional em espiritual e sobrenatural. Para isso, é fundamental o esforço pessoal, a luta.

Cumprir dominar os desejos do instinto para que este perfaça as suas finalidades. Isso se entende com mais facilidade a respeito do instinto alimentar, porque o excesso de comida – o aumento de tecido adiposo, do colesterol e da gordura – prejudica a saúde e a estética. Mas não se entende com tanta facilidade o instinto sexual. Dá a impressão, às vezes, que alguns noivos equiparam o sacramento do matrimônio a uma espécie de *passaporte* que permite a entrada e a saída da mais irrestrita liberalidade, sem compreender que, se no exercício do instinto, não houver controle, este cairá na libertinagem e na perversão, como aconteceu com aqueles antigos romanos que provocavam o vômito para conseguir aumentar o prazer de uma refeição mais prolongada.

O prazer é meio, e não um fim. A perspectiva do prazer leva à relação sexual. Mas o fim da relação é a união íntima – física e espiritual – de dois seres humanos e a sua consequência natural é a geração do filho. Não se pode – como já dissemos – “querer o bônus (o prazer) sem o ônus (os filhos)”.

Os filhos não devem ser *suportados*, mas desejados. E se isso não se dá, é preciso ir educando pouco a pouco a vontade, para ultrapassar qualquer tendência egoísta nesse sentido. No fim das contas, devemos a vida à generosidade dos nossos pais. Ninguém gostaria, aliás, de ter sido um desses filhos lamentados e indesejados, fruto de um descuido acidental.

Não existe nada mais digno na terra do que a vida humana. Para dar ao filho o orgulho nobre de uma realização brilhante, é necessário, antes, dar-lhe a vida. A vida do mais ignorante camponês do sertão ou a do mais pobre das favelas vale mais do que a inexistência do filho não nascido de um sapientíssimo milionário que voluntariamente estagnou as fontes da vida. A riqueza imensa da existência humana supera todos os valores.

Alguns evitam ter determinado número de filhos pelo receio de não poder dar-lhes as *melhores condições de vida* – conforto, educação de primeira classe etc. –, e não compreendem que estão negando a eles a primeira condição indispensável: *a própria vida!*

Tão importante é esta finalidade *objetiva* do matrimônio que se um dos nubentes, no momento do casamento, por um ato positivo da vontade, se determinasse a não ter filhos, efetuariam um matrimônio nulo. É o que diz o cânon 1101 do Código de Direito Canônico de 1983.

Quando um casal cristão não deseja filhos ou deseja-os apenas na medida em que venha a satisfazer o desejo subjetivo da paternidade, e não o desejo objetivo de Deus, terá que pedir luzes e graças para mudar de mentalidade, porque não representa uma verdadeira mentalidade humana, muito menos cristã.

5. Amor exige um aprendizado

Com as devidas reservas e a título de ilustração, poderíamos comparar o matrimônio com uma viagem que compromete a vida toda. Podemos ou não aceitar as condições de voo, mas, uma vez aceitas, a situação é irrevogável: deveremos ir até o fim, sem possibilidades de descer no meio do oceano (ou de romper o vínculo), porque houve um compromisso no contrato de adesão: “permanecer unidos, até que a morte nos separe”.

É necessário, por isso, evitar tendências emotivas, movimentos passionais, “amores à primeira vista”. Este tipo de amor – muito válido – deve ser provado e experimentado com a passagem do tempo. Antes do casamento, os noivos tentam a todo custo cativar, conquistar, evitar os atritos, agradar o parceiro, esconder os seus defeitos; como se costuma falar familiarmente, são “santos”. Com o decorrer da vida íntima do lar, os defeitos começam a aparecer, o egoísmo se manifesta mais claramente e então, de repente, aparece no horizonte matrimonial, o terrível estigma: *foi uma decepção!*

Os namorados devem entender bem: *a decepção deve chegar antes do casamento*. Todos nos decepcionamos com nossos defeitos e limitações. Mas é preciso ter a perspicácia e a maturidade de descobri-los cedo ou a humildade de reconhecê-los e de confessá-los a outra parte antes que o consentimento matrimonial torne irrevogável a união.

A ponderação em um assunto tão sério e delicado nunca deverá deixar de ser recomendada. Por isso, o pedido de conselho aos pais, amigos já casados, ou ao sacerdote nunca deverá ser desprezado.

O matrimônio é para sempre. Os antigos costumes ciganos revelam esta verdade. Quando se casam, quebram um vaso de barro. Se as peças não voltam a se juntar ou ficam incompletas, o casamento é definitivo. Mas é também habitual que uma criança, sem ser vista, pegue um caco do vaso

quebrado e jogue-o longe para que ninguém possa encontrá-lo. Até em grupos étnicos tão primitivos a indissolubilidade é costumeira.

Melhor, o que deve quebrar-se, e para sempre – irrevogavelmente –, é o egoísmo individualista. Casar é a forma mais radical de deixar de pertencer a si próprio para toda vida.

Por essa razão convidamos os noivos a experimentar *a prova do tempo*, burilando cada um o seu próprio egoísmo: que tenham paciência, que não se precipitem, que submetam a decisão a uma séria e refletida ponderação.

A superação do amor puramente sensível exige a defrontação diária de uma série de virtudes difíceis de praticar. O amor, desse modo, não é um movimento puramente natural, fruto do espontâneo; deve ser cultivado, exige elaboração, trabalho construtivo.

Há também quem julgue o amor como uma viagem marítima de recreio, na qual cada um se deixa levar espontaneamente pelos ventos do prazer; ou quem o considera como uma espécie de concurso público, que, uma vez bem-sucedido, permite viver “dormindo nos louros”, com a mentalidade de funcionário público, pois já conseguiu um cômodo emprego e uma boa aposentadoria.

Nada disso. O amor conjugal é uma conquista que deve ser renovada permanentemente, começada e recomeçada a cada dia. Montesquieu dizia: “*é mais fácil conquistar do que conservar a conquista*”.

Como é fácil verificar essa verdade quando abrimos os olhos à trajetória do amor conjugal! Que enorme diferença existe entre namorar alguém e compartilhar amorosa e sacrificadamente, no cotidiano, toda a sua existência. A vida matrimonial é longa e complexa, assim como uma demorada viagem intercontinental num navio frágil e inexperiente que pode naufragar.

Para evitá-lo, é necessário, antes de empreender a travessia, apetrechar-se das experiências obtidas por marujos veteranos, estudar “a cartografia matrimonial”, as correntes marítimas que levam às turbulências do amor,

enfim, aprender a difícil arte de navegar no intrincado mar da família. Portanto, a arte de navegar requer um ensinamento teórico que é necessário experimentar em um aprendizado prático. A *teoria* é fornecida pela grande escola do cristianismo, que tem vinte séculos de existência. A concretização dessa pedagogia secular pode ser encontrada em muitos meios de formação, como podem ser o aconselhamento de casais idôneos, de sacerdote experiente, de círculo ou de curso de noivos etc.

A *prática inicial* é oferecida a partir do trato humano na vida social e do namoro, que se assemelha a uma experiência de navegação costeira, de cabotagem, permitindo, uma vez ou outra, retornar ao ponto de partida sem comprometer a viagem inteira: por isso que um namoro prolongado pode representar uma garantia para a viagem definitiva.

A *prática permanente* é proporcionada por essa viagem sem retorno – no alto-mar do amor conjugal – que significa aprendizado longo, continuado e progressivo.

É necessário, em todo o caso, que a prática inicial seja laboratório de experiências benéficas e honestas para determinarmos quando, como e onde deve iniciar-se a prática definitiva. Esta é muito importante, pois não termina nunca, não apenas pelo fato de o matrimônio ser indissolúvel, mas também porque *o aprendizado conjugal só termina com a morte: cada etapa é um estágio que nos permite viver melhor a seguinte.*

Porém, devemos respeitar as leis do aprendizado que nos indicam sempre três exigências: *tempo, paciência e treinamento (repetição de tentativas).*

A arte de amar não se aprende em um ano, nem se consegue nas primeiras tentativas. É preciso paciência, adestramento, exercício continuado. Há os apressados e imprevidentes, que são os imaturos. O amor pleno afundado na riqueza da personalidade humana não é para eles. Os que são terão que passar – através do esforço pessoal – da *imaturidade do adolescente* – do seu romantismo espontâneo – para a árdua e custosa *maturidade do adulto*, no sentido mais cabal da expressão.

O aprendizado da vida conjugal cria, pouco a pouco, uma rede de virtudes – fortes e flexíveis – que proporcionam estrutura às relações conjugais. Muitas e diversas desavenças na vida diária são superadas desde o primeiro momento em que ambos embarcam numa viagem definitiva e eterna no maravilhoso navio do amor conjugal. Assim, os navegantes de primeira viagem se tornam, pouco a pouco, marujos experientes e aprendem a se desviar duma tempestade ou, se a enfrentam, a reparar o navio dos embates das ondas, preparando-se para enfrentar a crise ou as crises que, sem dúvida, aparecerão durante essa imensa viagem que se perpetua na imensidade do amor divino.

A seguir, indicamos sinteticamente as atitudes pelas quais devem pautar-se tanto o namoro como o noivado.

Nunca se deve namorar simultaneamente duas moças diferentes: é uma falta de lealdade; esta constitui um precedente para a fidelidade mútua que deverão manter durante o matrimônio: trata-se de uma atitude decorrente da exigência monogâmica do casamento. O “don-juanismo” indica sempre um comportamento imaturo que tende a reafirmar uma virilidade da qual não se está muito seguro.

O noivado deve durar tanto tempo quanto seja necessário para que os noivos estejam suficientemente preparados e amadurecidos para iniciar uma viagem rumo à felicidade mútua.

Quando o noivado é apressado e superficial, propicia a imprevidência e o descontentamento do parceiro, o que leva a uma decisão imatura, e por isso perigosa; quando, porém, é longo e profundo, ajuda a conhecer melhor a personalidade do outro e a ponderar as circunstâncias para decidir quando, como e onde o casamento deve ser realizado.

Deve-se procurar a conciliação na construção de valores fundamentais, a coincidência de opiniões. Quem pensa que isso significa “perder a própria personalidade” está equivocado. Significa, melhor, livrar-se do egoísmo. A vida matrimonial exige que os cônjuges renunciem a valores acidentais para

criar um denominador comum essencial. Se não for assim, não haverá harmonia conjugal. Quando não se consegue isso no namoro ou no noivado, é melhor evitar dar um passo a mais na direção do casamento.

Convém os noivos terem em mente que o futuro compromisso não é uma simples celebração pública, mas algo sagrado; não é um mero compromisso social, mas um compromisso assumido diante de Deus.

Um antigo adágio cristão nos diz: *Sancta sancte tratanda* (As coisas santas devem ser tratadas santamente). É muito triste que um casal valorize o matrimônio pela pompa com que é celebrado, pela ornamentação do templo, pelas músicas executadas, pela beleza do vestido de noiva, pelo brilhantismo da homilia, pela elegância dos convidados, enfim, pelo esplendor da cerimônia. O valor do matrimônio está na presença de Cristo, que une os dois esposos na realidade única e invisível da ação da graça.

Distrair-se com as aparências exteriores seria como ocultar os diamantes preciosíssimos da graça, banhados no sangue redentor de Cristo, detrás de bugigangas de ouro falso, de bijuteria de gosto duvidoso.

Os nubentes não devem se preocupar demasiadamente com as coisas ocasionais – convites, coquetel, viagem de lua de mel, presentes, montagem do altar etc., e sim prestar atenção fundamentalmente aos aspectos essenciais do sacramento, que é, como diz São Paulo, “Sacramento grande em Cristo e na Igreja” (cf. Ef 5,32). Por isso é muito recomendável que nos dias anteriores à cerimônia, e nesse mesmo dia, os nubentes encontrem tempo para recolher-se e aprofundar-se, para meditar e orar. A celebração deve ser algo íntimo, simples, recolhido e santo.

Os noivos devem concordar que no matrimônio quem leva a direção é o marido; quando a mulher embarca no casamento sem saber quem comandará o leme, o barco soçobrará. O papa Leão XIII, entre outros, falou claramente nesse sentido:

O marido é o chefe da família e a cabeça da mulher, e esta, portanto, por ser carne da sua carne e osso dos seus ossos, não deve sujeitar-se a obedecer ao marido como

escrava, mas como companheira, isto é, de tal modo que a sujeição que lhe presta não seja destituída de decoro e de dignidade. Naquele que governa e naquela que obedece reproduz-se em um a imagem de Cristo e em outra a imagem da Igreja, unidos ambos pela caridade que deve ser a perpétua reguladora dos seus deveres²⁷.

¹⁹ Enrique Rojas, *Remedios para el desamor*, Madrid: Temas de hoy, 1990, p. 197. [t.n.]

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Aquilino Polaino-Lorente. Los cuatro puntos cardinales de la sexualidad humana, em *Cuestiones fundamentales sobre Matrimonio y Familia* (II Simpósio Internacional de Teologia), Pamplona: Universidade de Navarra, 1980, p. 468-470. [t.n.]

²³ Lyra Luft, O sexo triste dos jovens e a ditadura do prazer, *Veja*, São Paulo, mai. 2010, p. 32.

²⁴ Idem, p. 32-33.

²⁵ Arnaldo Jabor, O prazer deixa muito a desejar. Vivemos a ditadura do prazer obrigatório, *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 2010, Segundo Caderno, p. 12.

²⁶ Josef Pieper, O que é amar?, em Luiz Jean Lauand, *Interfaces*, São Paulo: Mandruvá, 1997, p. 76-85.

²⁷ Papa Leão XIII, *Arcanum divinae sapientia*, n. 11, Sobre a constituição cristã da família. [t.n.]

As opções do amor

Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34).

“Meus queridos irmãos e irmãs” – diz Karol Wojtyła, papa João Paulo II – “meus jovens amigos, olhai a vida! Examinai-vos a vós mesmos! Insuflai no mais profundo de vossas almas jovens o mandamento do amor, no seu valor total, como todo o seu significado criativo...”²⁸.

A vida é uma opção, mas fundamentalmente uma opção de amor. Não há nada mais grandioso do que o amor. Por isso mesmo é ele que torna profunda e radical essa opção. O livro *Caminho* apresenta-a em toda a sua simples radicalidade:

Como te rias, nobremente, quando te aconselhei a por teus anos moços sob proteção de São Rafael: para ele te levar a um matrimônio santo, como ao jovem Tobias, com uma moça que seja boa, bonita e rica – disse-te, pilheriando.

E depois, que pensativo ficaste quando continuei a te aconselhar que te pusesses também sob o patrocínio daquele apóstolo adolescente, João, para o caso de o Senhor te pedir mais²⁹.

Essa opção não é algo teórico. Para um jovem católico é uma realidade viva que muitas vezes se apresenta assim: ou matrimônio – como o de Tobias – ou a entrega total como a de João.

“Estás rindo porque te digo que tens ‘vocação matrimonial’? – Pois é verdade: assim mesmo, vocação. [...] Pede a São Rafael que te conduza castamente ao termo do caminho, como a Tobias”³⁰.

O matrimônio foi querido por Deus como uma autêntica vocação: “*Deus os criou homem e mulher [...] Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá com sua mulher e ambos serão dois numa só carne*” (cf. Gn 1,27;2,24). Que maravilha! Fundir duas vidas numa só vida; dois destinos

numa única realidade, para conseguir a santidade mútua! Quando falta entusiasmo para o casamento, significa que se perdeu a vibração da juventude ou, talvez, porque se perdeu a grande torrente do amor, diluída entre esses mil córregos laterais, entre esses riozinhos desgastantes, esses “amóricos superficiais”, esses encontros sexuais intermitentes e epidérmicos... Quando o cabedal inteiro do coração se guarda, pela continência, para um grande amor conjugal, então brota sempre diante do matrimônio um forte entusiasmo.

Guardar o corpo e a alma para aquele ou aquela que compartilhará conosco o resto da vida não significa reprimir o amor, pelo contrário, significa *capitalizar o amor*: o capital largo e profundo acumulado no coração e nas artérias da juventude terá como resultado o lucro milionário da plenitude do amor.

Certamente, o matrimônio é uma autêntica vocação, mas também o é a dedicação completa a Deus, a identificação com Cristo virgem numa vida de celibato apostólico ou de consagração a Deus por meio do sacerdócio ou da vida religiosa.

Um rapaz, uma moça católica não pode encarar essa eventualidade como algo remoto: deve meditar seriamente este tema. Algumas vezes se pensa que a questão da vocação de entrega é algo que afeta poucos, mas na realidade é algo que deveria inquietar a muitos: “*a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita*” (Mt 9,17-38). Quem lê com fé estas palavras deveria sentir-se perturbado por esta pergunta: eu, por que não?

Outras vezes se pensa que a “vocação” é inclinação, tendência natural. E como quase ninguém se sente naturalmente “inclinado” a entregar-se a Deus há poucos a quem se lhes apresenta a questão.

Não é assim.

O sonho natural de um(a) jovem é encontrar um grande amor, casar e ser feliz. *Naturalmente* não pensa em se entregar a Deus, nem considera que

pode ser feliz numa total disponibilidade a Deus. Não pondera que Deus pode superar a tendência natural por um chamamento sobrenatural, algo que esteja acima da natureza e que a supere. Não se pode colocar uma *vocação divina* à altura de uma tendência humana. Alguns julgam, por exemplo, que aqueles que se consagram ao sacerdócio fazem isso porque não “gostam de menina”. Tal julgamento é superficial e jocoso, uma vez que gostar é o natural e não gostar é antinatural. Os sacerdotes não são seres anormais. Toda pessoa que se entrega a Deus deve vencer, às vezes dolorosamente, a atração do natural para entrar na órbita do sobrenatural.

Isso aconteceu muitas vezes na história da salvação e acontecerá sempre, até o fim dos tempos.

Lembremo-nos do jovem Jeremias. Quando o Senhor o chamou para cumprir uma missão que exigia dele uma renúncia, começou a gaguejar e desculpar-se.

Ah, ah, ah, Senhor Deus, Tu bem sabes que não sei falar porque sou um menino. E o Senhor lhe disse: não digas ‘sou um menino’, porque tu irás a todos aos quais eu te enviar; e dirás tudo o que Eu te mandar. Não os temas porque eu estou contigo para te libertar... E eis que te constituí hoje sobre as nações e os reinos para arrancar e destruir... para edificar e plantar (cf. Jr 1,6-10).

Deus não se detém diante da incapacidade natural ou dos planos humanos, pequenos e egoístas; supera-os com o Seu desígnio e os ultrapassa com o Seu poder.

Jonas ouviu a palavra do Senhor: “Levanta-te! Vai a Nínive, aquela grande cidade” pregar a sua conversão. E Jonas escapou “*fugindo do rosto de Deus.*” (cf. Jn 1,1-3). Aqui não há apenas desculpas; há pavor, fuga. E pode haver mais: agressividade. O jovem Paulo não apenas se esquivava de Cristo, mas perseguia-O. Tanto em Jonas como em Paulo havia um chamado de Deus, uma autêntica vocação, mas não havia uma disposição natural de segui-Lo. Paulo teve que ser derrubado do cavalo a caminho de Damasco. Não descobrimos aqui a demonstração mais clara de que muitas vezes a

vocação supõe um choque entre os projetos humanos e os projetos divinos? A resposta imediata de Paulo, “Que devo fazer, Senhor?” (At 22,10), indica também a única forma de resolver o conflito: abrir-se a Deus como a nosso Pai, em um ato de plena disponibilidade. É a eterna resposta das almas nobres e generosas que encontram nas palavras de Maria a sua expressão mais sublime: *Fiat mihi secundum verbum tuum* – “faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Alguns se escondem atrás de desculpas sutis, habilidosas; por temor, não querem contrariar a vontade de Deus, mas ao mesmo tempo, por comodismo, não querem contrariar a sua própria vontade. Pretendem fazer coincidir, com astúcia, a vontade de Deus com a própria. É como se escrevessem com a sua imaginação a biografia da sua vida, do nascimento à morte – incluindo nela os seus sonhos: aquela menina bonita, aquele rapaz fabuloso, aquele posto social de destaque, aquela casa de campo – e depois dissessem a Deus: “Assina no fim do romance como se fosses o autor, para que conste que esta é a vocação que tu queres para mim”. É como se se trocasse a frase evangélica – “faça-se em mim segundo a tua palavra” por “faça-se em mim segundo a *minha palavra*”: *meu Deus, eu te suplico que se realize em mim o meu capricho; ou, como dizem que rezava uma pessoa piedosa e egoísta: faça-se a minha santa vontade de Deus!*” São estes os que depois, ao se sentirem infelizes, culpam o céu pela sua desgraça.

Quantas pessoas não são capazes de abrir mão dos seus planos mesquinhos, de sair do seu aconchegante comodismo, e ainda culpam a Deus pelo seu fracasso! Será que por acaso não compreendem que estão fugindo apavorados de quem tem o segredo da sua realização, galopando em direção contrária ao único sentido da vida e depois soluçam inconsoláveis por se sentirem perdidos na vida?

Há tempos pensei em escrever a vida de um homem que viveu numa época concreta, no início da nossa era, mas que na verdade vive em todas as épocas e ainda permanece vivo entre nós. Dei-lhe o nome de Eleazar, porque

o seu nome verdadeiro é desconhecido por nós. Na realidade, é um nome indeterminado, porque fala de uma atitude, de uma maneira de proceder sempre presente em cada um de nós.

Eleazar era jovem, rico e bom, filho de um conhecido fariseu que possuía grandes riquezas: uma casa rodeada por um jardim, em Jerusalém, e um sítio na franja do Monte das Oliveiras, fértil em videiras, campos de trigo e grandes pastos.

Vivia feliz com os pais e as duas irmãs, que desafiavam em bondade e beleza outra jovem judia, Ester, filha também de fariseus, que Eleazar amava com pureza de coração.

Era temente a Deus e respeitava a ancianidade do pai: inclinava-se diante da sua voz e da sua sabedoria, e dava à sua mão cansada o apoio do seu ombro, enquanto percorria as plantações e vigiava as podas das videiras.

Um dia, enquanto passeava pelos trigais, ouviu o rumor de uma multidão que voltava de Betânia.

– Que está acontecendo?

O capataz informou-o:

– É Jesus, o profeta.

Passando rapidamente pelo meio da multidão, Eleazar chegou até onde estava Jesus.

Como falava aquele Homem! As Suas palavras pareciam de fogo, queimavam! Como acolhia a todos com o mesmo olhar! Como sorria! Como levantava a voz para dizer: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7,37).

Então, algo que trazia dentro de si, sem saber, foi crescendo e agigantando-se. Era uma inquietação íntima, como o anseio por um amor extraordinário, que tantas vezes experimentara vagamente quando, ao entardecer, estendia o seu olhar sobre os trigais dourados...

Como conseguiu viver tanto tempo sem conhecer Jesus? Desde então, tornou-se mais um dos ouvintes daquele homem de Deus. Até que, um dia,

destacou-se da multidão e, chegando à presença do Senhor, suplicou-Lhe:

– Bom mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?

Jesus disse-lhe:

– Guarda os mandamentos...

Nesse momento, o rapaz lembrou-se do carinho com que correspondia à afeição dos seus pais, do pão abundante que repartia entre os empregados e trabalhadores, do seu amor puro por Ester...

E, sorrindo, respondeu:

– Mestre, tenho observado todos esses mandamentos desde a minha mocidade. Que me resta ainda?

Jesus, fixando nele os olhos, mostrou-lhe afeto. Depois, vagarosamente, foi-lhe deixando cair nos ouvidos estas palavras: *Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me* (Lc 18,22).

Vem! Essa palavra chocou-se no seu coração contra o que lá estava intimamente gravado: o amor dos seus pais, das suas irmãs e o amor de Ester!

Vem! E as videiras? E os meus futuros filhos, alegrando-se em ver crescer os trigais dourados? Levantou os olhos. Jesus continuava a fitá-lo com amor e Seu olhar continuava a dizer-lhe: *Vem!*

Uma sombra de tristeza invadiu-lhe o rosto, como uma nuvem ameaçadora, e um *Não* começou a desenhar-se nas suas entranhas: “Este homem é cruel, pede-me tudo!”

Levantou-se rapidamente, atravessou a multidão e perdeu-se na última volta do caminho. “E retirou-se triste”, diz o Evangelho.

Tristes eram agora os campos e os vinhedos. O Sol no seu poente já não cantava a música do infinito nem falava da beleza de Ester. Os trigais floresciam, as arcas enchiam-se de dinheiro, os criados acudiam solícitos e serviçais, as moças da aldeia corriam atrás de quem era jovem e rico. Mas

ele *estava triste*. Tinha perdido o amor; encerrado-se em si mesmo, fechado o coração e estreitado os seus horizontes.

– Filho – dizia-lhe o pai – não penses mais nas palavras desse profeta louco. Não manda a lei que honres os teus pais? Não ordenou Javé: *Honra teu pai e tua mãe e crescei e multiplicai-vos*? Que seria do mundo sem filhos, sem vinhedos? Que seria de mim sem teu apoio? Não ficaria Ester louca de dor, se a abandonasses?

– Cala-te, pai! É melhor que não me argumentes contra as palavras desse profeta, porque Javé também disse: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças...*

Eleazar é – repetimos – o nome de uma atitude: a atitude dos homens que fecharam seu coração aos grandes amores. É uma história melancólica. É preferível recordar uma outra, a história de João, um pescador da Galileia, também jovem e vigoroso como Eleazar.

Tudo começou numa jornada qualquer da sua primeira juventude. O Sol já tinha perdido o brilho do meio-dia. Eram cerca de quatro da tarde. As águas do Jordão murmuravam entre os seixos. Jesus passou ao lado desse jovem e fitou-o nos olhos. João jamais esqueceria esse olhar. Sem poder abafar algo que lhe saía do íntimo, perguntou-Lhe: “Senhor, onde moras?”, “Vem e verás!” (cf. Jo 1,39) respondeu-lhe o Mestre. *Vem!* Essa palavra abriu passagem por entre todas as outras até chegar ao seu coração.

Deixando as suas barcas e redes, a casa branca de seus pais à beira do lago, os seus projetos de moço e sonhador, seguiu-O para sempre. Onde estava Jesus, ali estava João: gravava no íntimo as palavras que ouvia Dele, extasiava-se diante dos Seus milagres, comovia-se com os Seus sentimentos de compreensão, de misericórdia.

Tornou-se amigo íntimo de Jesus. Um dia – o dia da despedida – reclinou a cabeça no peito do Senhor, bebeu-lhe os gestos e as entranháveis palavras que pronunciou na derradeira Ceia. Poucas horas depois, diante da vergonha

e do espanto da Cruz, não fugiu. Recebeu de Cristo agonizante, em herança, o grande tesouro de Maria, a Mãe do Senhor.

Depois, ao abrir-se para a evangelização do mundo inteiro, para o grande mar da existência humana, compreendeu como tinham sido estreitos os horizontes daquele outro “mar” onde antes pescara e mesquinhos os projetos do seu coração jovem de outrora. E quando já muito velho, os seus discípulos – filhos do seu espírito – lhe pediam: “João, conta-nos, por favor, como conhecestes o Senhor”. Ele, fechando os olhos, começava a dizer amorosamente, num murmúrio de voz *Hora erat quasi decima*, – “era cerca das quatro da tarde. O dia já declinava quando o Senhor se aproximou de mim; olhou-me demoradamente e, entre os rumores das águas do rio, ouvi dos Seus lábios uma palavra que transformou a minha vida: Vem!”

“Era por volta das quatro horas da tarde” (Jo 1,39): já centenário, João lembrava-se perfeitamente da hora em que Jesus o chamara, e assim o registrou no seu Evangelho. O amor jamais esquece o primeiro encontro, e a vocação de João foi uma vocação de Amor. Como se fosse uma derradeira resposta àquele chamado de outrora, morreu dizendo como um homem apaixonado: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20).

Duas figuras paralelas e antagônicas: o jovem pescador, João, que soube dizer sim a Jesus e tornou-se Seu “discípulo amado”, e o jovem rico, que não superou o apego às suas “bugigangas” e desapareceu na sombra da história, sem que saibamos o seu nome.

Deus chama a segui-Lo em todas as idades: na juventude, na meia idade, na velhice. Ele bate à porta de cada cristão nem demasiado cedo nem demasiado tarde. A uns – a muitos mais do que parece – pede, como ao apóstolo João e ao jovem rico, que O sigam sem nenhum liame de bens, mulher, filhos, projetos pessoais. Mas a todos – sejam solteiros, decididos a permanecer sempre assim por amor do Reino dos Céus (cf. Mt 19,12); sejam casados; tenham esta ou aquela posição profissional, econômica, cultural e social; gozem ou não de boa saúde – pede uma opção radical por Ele, um

compromisso de Amor que os leve a “tomar Deus a sério”. E dá-se um encontro feliz, como o de João com Jesus de Nazaré à beira do Jordão.

Como se produz? De mil formas diversas: resultado de uma reflexão profunda após um percalço na vida profissional, uma crise familiar, um ataque à honra, a perda ou o extravio moral de uma pessoa querida. Ou, menos de repente, após uma vida de êxitos que aos poucos se mostram vazios: “Afimal, não era isto!” Ou ainda após uma queda mais funda no pecado ou mesmo no meio de uma vida de pecado que subitamente nos enoja: “Basta, Senhor, basta!” Mas pode não ser por nada disso, por nada instantâneo ou dramático, mas por uma decisão que amadurece como fruto de uma vivência cristã intensa, em que finalmente compreendemos que esse Deus, que nos deu tudo, pede-nos, em troca, tudo. Empreendemos a maravilhosa rota do seguimento de Cristo, a partir de um dia qualquer, por volta das quatro da tarde ou de outra tão inesquecível como a de João.

[²⁸](#) Karol Wojtyła. *Ejercicios espirituales para jóvenes*, Madrid: BAC, 1985, p. 110 e 111. [t.n.]

[²⁹](#) J. Escrivá, op. cit., n. 360.

[³⁰](#) Idem, n. 27.

Virtudes características da juventude

1. Magnanimidade

Toda vocação de um homem jovem é uma vocação de amor.

Mas o conceito de amor e de juventude trazem consigo duas qualidades essenciais: a *magnanimidade* e a *generosidade*.

Quem não está disposto a ter o ânimo grande, que renuncie a ser jovem. O jovem tem horizonte largo, ânimo magno. É isso o que significa a palavra magnanimidade.

O homem foi criado para a plenitude, e não para a mediocridade.

O Deus infinito nos fez à Sua imagem e semelhança. Por isso não é difícil entender o que proclamava o escritor alemão Novalis: “quando toco o homem, estou tocando o infinito”. Quem é jovem sente isso nas vísceras: todo ele é uma abertura para o infinito. Todo ele é um *caminho aberto* para a plenitude.

Ainda não se fecharam para os jovens os espaços ilimitados: não permitamos que alguém lhes arrebate essa capacidade de abertura! E o jovem se fecha para os altos destinos, quando se encerra na cômoda *mediocridade burguesa*.

A característica do medíocre é precisamente não ter características:

Não será nem frio nem quente: morno.

Não será nem branco nem preto: cinzento, esfumado, indefinido.

Terá medo dos abismos e das cumeeiras: ficará à meia altura na ladeira.

Não será nem pervertido nem santo: “bonzinho”.

Evitará sempre os excessos do heroísmo: adaptar-se-á às moderadas “suficiências”.

Será tranquilo o suficiente para não ter que ficar perturbado com grandes responsabilidades; generoso o suficiente para não ser denominado egoísta; trabalhador o suficiente para não ser considerado um vagabundo, um parasita; amável e serviçal o suficiente para conseguir um pequeno grupo de amigos que satisfaçam egoisticamente as suas necessidades afetivas; “virtuoso” o suficiente para que ninguém possa tachá-lo de pervertido.

Falta-lhe, em compensação, entusiasmo, vibração, espírito de luta e sacrifício, liderança, generosidade e entrega.

Nunca fervilhou no seu coração o anseio da ciência, de criatividade original, de justiça redentora, de amor ardente.

É cego para as alvoradas da vida.

Não compreenderá o estremecimento do artista, a intensidade do pesquisador, a angústia reivindicadora da liberdade do militante político, a paixão do apóstolo, o fervilhar do santo. Entenderá, isso sim, muito bem, a calma dos dias moderadamente agradáveis, sem singulares preocupações, dias pacatos, submissos, sem grandes dores e grandes alegrias. Ele entende maravilhosamente esse resvalar pela existência, esse viver temeroso de qualquer entrega pessoal.

Ele diz: “eu vivo bem, como bem, divirto-me... isso que é vida!” Nós pensamos: isso é modorra, felicidade vegetativa, subdesenvolvimento mental: que lástima ver as possibilidades da sua juventude, a grande potencialidade da sua energia domesticada pelos atrativos da vida horizontal e pelo seguro do dinheiro! Ele representa no mundo o papel de um número a mais no pacífico rebanho de cordeiros.

Como não têm personalidade individual, os medíocres atuam em grupos, juntam-se para suprir quantitativamente o que não têm qualitativamente como atributo pessoal. Daí esse fenômeno tão atual do gregarismo. A voz predominante é a voz da maioria. Quem está à frente é o cordeiro-chefe, que berra: bééé!, e o rebanho inteiro responde: bééé! Eles não têm voz, são eco.

As mesmas gírias, a mesma moda, o mesmo penteado, os mesmos “jeans”. Não há personalidade; há conglomerado grupal. Escondem-se, protegem-se, fortalecem-se no grupo.

É verdade que a comunidade é coisa natural ao homem – como se fosse uma extensão da própria família. Nela aprendemos a nos doar, a combater o nosso egoísmo, a lutar pelos direitos da justiça e a exercer a caridade. Mas o grupo não dispensa o indivíduo. Quando é assim, não há comunidade; há massificação, despersonalização.

Está na moda dizer que somos consequência das estruturas, filhos da época em que vivemos. É o tempo de hoje, a sociedade de hoje que fez os jovens de hoje. Para mim, isso é fruto da melancolia, da decadência.

Não. Há épocas apagadas, vulgares, lânguidas e secas como a palha em que o raio de uma grande personalidade faz acender tudo o que se encontrar ao seu redor. Não foi a palha que fez acender o fogo, e sim o fogo que fez arder a palha. O homem não é apenas fruto de uma época; muitas vezes foi o homem que transformou a época.

A mais triste prova de mediocridade que um jovem pode apresentar é a incredulidade no homem magnânimo, no homem de ânimo grande que existe escondido em cada um de nós.

Devemos compreender que cada um de nós é um universo de vida, um projeto original, uma vocação para a santidade, insubstituível, e estar conscientes da nossa dimensão colossal de filho de Deus e de que Deus espera algo peculiar e grandioso de nós.

Ser jovem é não ter medo dos grandes destinos. Um conhecido estadista brasileiro já advertiu sobre isso em palavras gravadas numa rocha do litoral paulista que desafia as ondas do Atlântico: “O importante quando se tem um destino a cumprir é não fugir ao seu apelo, seguindo-o sem indagar aonde nos pode levar, pois, na pior das hipóteses, a imprudência paga melhor do que a mediocridade e a frustração”.

Esse desassombro diante dos grandes destinos, essa consciência de filhos de Deus, é o que nos tornará magnânimos. Homens que reconhecem ao lado da sua grandeza que tudo que têm e possuem é um imenso dom de Deus: a magnanimidade não contradiz a verdadeira humildade. Assim o proclamou Maria: “porque ele olhou para a humildade de sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz” (Lc 1,48). Todas as gerações! Que visão tão ampla e universal a daquela que ao mesmo tempo se denomina serva do Senhor!

De modo semelhante, disse Santa Teresa, com a sabedoria e a segurança que proporciona o sentir-se apoiado pelo braço potente de Deus:

Convém muito não amesquinhar os desejos, antes esperar em Deus que, se pouco a pouco nos esforçarmos, poderemos atingir o cume a que muitos santos chegaram...

Se estes nunca se tivessem determinado a ter desejos... não teriam subido a tão alto estado. Quer Sua Majestade almas animosas e é amigo delas, contanto que andem em humildade... Nunca vi alguma destas permanecer rasteira neste caminho; nem vi também alma covarde, sob o pretexto da humildade, andar em muitos anos tanto quanto os outros em muito poucos. Espanta-me a importância capital que tem neste caminho animar-se a grandes coisas³¹.

Ainda Santa Teresa, mulher de espírito jovem, insiste continuamente nessa maravilhosa aventura que representa a escalada da vida, a indescritível viagem interplanetária à procura do Infinito: “Aventuremos a vida, pois melhor a guardará quem a tiver por perdida”³². “Tudo consiste em arriscar a vida por amor de Deus”³³. “Nosso Senhor jamais abandonará os que o amam quando se arriscam só por Ele”³⁴.

Examinemos então qual é a altura e a profundidade da nossa juventude ao perguntar-nos: nas minhas decisões opto pelo que é mais agradável e gostoso ou pelo que é mais digno e virtuoso? Tenho medo de assumir responsabilidades por causa dos sacrifícios que possam acarretar? Penso habitualmente em mim ou nos meus interesses ou me abro aos interesses dos

outros? Procuro sempre o que é mais “seguro” ou o que representa a vontade de Deus? Fico “em cima do muro”, sem me definir por medo de não acertar ou de ser criticado? Escondo-me e confundo-me com o grupo, com as ideias majoritárias, porque assim me sinto mais protegido ou, pelo contrário, sei manter as minhas próprias convicções a despeito de qualquer gozação? Tenho a coragem de me adentrar nas aventuras de Deus e dos homens, apesar de arriscar com isso a minha tranquilidade e o meu comodismo?

As perguntas poderiam se repetir indefinidamente, como também cada um de nós poderia fazer para si, pessoalmente, outras tantas. Mas todas elas deverão ter um ponto de mira comum, conforme as palavras pronunciadas por João Paulo II: “Jovens, não tenhais medo de ser santos! Vão a grande altura, considerai-vos entre aqueles que voltam o seu olhar para metas dignas dos filhos de Deus”^{[35](#)}.

2. Generosidade

A magnanimidade está inseparavelmente unida à generosidade.

Aquele que abriu os dilatados horizontes do cristianismo e nos convidou – nada menos! – a sermos “perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48); aquele que descortinou as verdades de Deus para “gente de toda raça e de toda língua” (cf. Mt 28,19) – com um espírito magnânimo inigualável – é o mesmo que se alegra diante da generosidade de uma pobre viúva que entrega no mealheiro do templo tudo o que possui, e se admira da atitude daquela outra mulher que quebra o frasco de nardo preciosíssimo – avaliado em mais de trezentos denários, o salário anual de um trabalhador; é o mesmo que nos diz: “dai e dar-se-vos-á uma medida boa, cheia, recalcada e transbordante vos darão. Porque na mesma medida em que derdes, na mesma medida recebereis” (cf. Lc 6,38).

O Senhor amava a generosidade. Por isso ficou tão decepcionado diante da atitude do *jovem rico*. Foi então que disse: “dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus” (Mt 19,23). Os “ricos” não são os que simplesmente têm dinheiro, mas os que estão apegados a ele: os avarentos, os egoístas, os mesquinhos.

O *jovem rico*, instalado nas suas posses, deixou de ser jovem: juventude e mesquinharia são palavras incompatíveis. O egoísmo e a avareza reclamam-se mutuamente, como a juventude e a generosidade. Se quiséssemos representar plasticamente a figura de um jovem cristão, desenharíamos um homem com as mãos abertas, os braços abertos, o peito e o coração abertos como os de Cristo na cruz.

Há muito pouca generosidade e excesso de mesquinharia. Palavras, gestos, entusiasmos, apoio moral, talvez. Mas peçam-lhes o seu dinheiro, o seu tempo, o seu sacrifício, o seu coração... Ah, isso não! Parece que lhes estão arrancando a víscera mais delicada.

Certa vez, visitava uma família pobre, em companhia de um amigo, estudante universitário, como eu. Entramos num barraco imundo dentro de uma favela. O casal e seis filhos ocupavam o mesmo cômodo. Só havia um colchão e uma cadeira. Sentamo-nos no colchão ao lado das crianças. O frio daquele inverno era espantoso. Repartimos umas guloseimas e demos ao casal um envelope com dinheiro. Conversamos longamente. Era comovente a carência material daquela gente. Mas acreditavam em Deus. Tinham devoção a Nossa Senhora: uma gravurinha dela pendia pobremente da parede. Estavam contentes. Rimos à vontade. Ao despedir-nos, o meu amigo teve um gesto discreto, mas inesquecível. Sem que o casal percebesse, antes de fechar a porta, introduziu o seu sobretudo no barraco e deixou-o em cima da cadeira. “Vamo-nos embora depressa, antes que o percebam”, disse-me, e saímos em disparada. “O frio é de matar – acrescentou – mas nunca tive o coração tão quente”. Ele nunca se arrependeu e jamais me esqueci do seu gesto.

Milhões de sacrifícios como este pavimentaram a estrada do cristianismo ao longo dos séculos: são como uma ressonância da entrega total de Cristo na cruz e dessas outras entregas já lembradas que comoveram o Seu coração: o da pobre viúva que deposita no cofre do templo as suas duas últimas moedas, a de Maria que, em Betânia, quebra de um só golpe o frasco de perfume e unge com ele o Senhor.

O cristianismo e a juventude são a antítese da mesquinhez. A falta de generosidade não é apenas um defeito, mas também uma característica que desclassifica: ou somos verdadeiramente generosos, ou devemos deixar de nos chamar jovens; com muito mais razão, cristãos.

Dar com generosidade é dar-se. Quem dá apenas coisas materiais parece estar medindo com o braço a distância que o separa de quem recebe. É preciso acabar com essa separação. *Dar-se*, transformando nós mesmos num presente: entregar ao outro a própria vida. “Passou o tempo – diz São

Josemaria – de dar quatro tostões e roupa velha – é preciso dar o coração e a vida”³⁶.

São Tomás disse que a perfeição do amor fraterno se manifesta quando o homem dá ao próximo não só bens temporais, mas também os seus bens espirituais e, finalmente, se entrega por completo, segundo a expressão do apóstolo São Paulo: “Por mim, de boa vontade me gastarei e me desgastarei até o esgotamento pelas vossas almas, ainda que, amando-vos mais, venha a ser menos amado por vós” (cf. 2Cor 12,15)³⁷.

Dar coisas é relativamente fácil. O difícil é dar a vida, dar-se – dar um pedaço do meu ser, um alento do meu espírito, uma verdade da minha inteligência, o tesouro do meu tempo, o desgaste do meu corpo, a vibração do meu sentimento ou, mais ainda, o sentido inteiro da minha vida, a minha existência toda: *construir o coração do outro com os pedaços do meu coração*.

É o que fez Cristo na cruz. Do Seu coração aberto, rasgado pela lança, saiu sangue e água: água porque não tinha mais sangue para dar³⁸.

Um homem jovem sempre deve pensar que há uma correspondência entre o dar e o receber e que o Senhor – vamos recordá-lo – não se deixa ganhar em generosidade: paga sempre o “cento por um”.

Nunca esquecerei daquele belíssimo poema, escrito em prosa, do prêmio Nobel, Rabindranath Tagore:

Ia eu pedindo de porta em porta pelo caminho da aldeia, quando teu carro de ouro apareceu ao longe, como um sonho magnífico. E eu perguntara a mim mesmo, maravilhado, quem seria aquele Rei de reis.

As minhas esperanças voaram até o céu, e pensei que os maus dias tinham acabado...

A carruagem parou ao meu lado. Olhaste para mim e desceste sorrindo. Senti que por fim me havia chegado a felicidade da vida. E de repente estendeste-me a mão direita dizendo: “Podes me dar alguma coisa?”

Ah! que lembrança a da tua realeza! Pedir a um mendigo! Senti-me confundido e não sabia o que fazer. Depois, tirei devagar da minha sacola um grãozinho de trigo e te dei.

Mas que surpresa a minha quando, ao esvaziar à noite a minha sacola no chão, encontrei um grãozinho de ouro na miséria do montão! Com que amargura chorei por não ter *tido* coração para me dar de todo!^{[39](#)}

3. Jovialidade

A *jovialidade* é algo que na linguagem corriqueira se equipara com a alegria, o entusiasmo e o otimismo, que, na realidade, se não se identificam com a jovialidade, são pelo menos o seu “termômetro”.

A alegria essencial não é uma qualidade que se encontra diretamente; é a consequência de um estado de profundo ajustamento vital. É o sintoma mais claro de que nos sentimos encaminados à nossa realização. É como um radar interior que se põe em movimento quando experimentamos que os nossos passos palmilham o roteiro da nossa plenitude.

Essa alegria essencial diferencia-se de outras alegrias acidentais, episódicas, que são consequências de fatores exteriores, como a alegria fisiológica, a alegria do conforto, do prazer, da vaidade satisfeita, dos amores superficiais... São como enxurradas eventuais que nos alegram transitoriamente e depois nos decepcionam; *miragens* que nos entusiasмам repentinamente e logo nos desiludem, como estrelas cadentes.

A juventude, como qualidade da alma, deve possuir essa alegria essencial, permanente, porque tem consciência de que um futuro feliz está à sua espera: a felicidade de um amor profundo, de uma realização eterna. A juventude verdadeira só se consegue quando se tem consciência de que, como filhos de Deus, estamos destinados a uma plenitude sem limitações.

Um símbolo dessa alegria essencial é a estrela do Natal. Os magos do Oriente, diz o Evangelho, quando, depois de perda, a recontraram, *gavisi sunt gaudio magno valde* (Mt 2,10), alegraram-se – diz o texto de forma pleonástica, repetitiva – com grande alegria; e se alegraram muito. Por quê? Porque essa estrela lhes indicava a linha diretriz da sua vocação.

O jovem está a caminho da Pátria definitiva e se sente sempre alegre – com o grande gozo da esperança – quando vê brilhar à sua frente a estrela da sua vocação. O jovem é um caminho aberto a todas as grandes aventuras do

amor: é o milagre de poder ser tudo. Por isso é próprio da juventude o entusiasmo, a vibração, o otimismo.

Perder a estrela da vocação significa perder o entusiasmo pela vida, perder a juventude. Não deixemos que nada nem ninguém nos arrebatasse esse grande dom divino. Lutemos para conservá-lo:

- Não depositemos a nossa esperança nas alegrias passageiras, que são meras estrelas cadentes: as satisfações puramente materiais, os prazeres que passam como as enxurradas.

- Ancoremos a nossa vida nas alegrias essenciais: levantemos sempre o nosso olhar para divisar a estrela da nossa vocação; é ela que dará sentido às asperezas do caminho, às dores e às dificuldades.

- Encaremos com otimismo todos os contratemplos, porque a fé nos diz que “*para os que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem*” (cf. Rm 8,28).

O otimismo é algo intimamente ligado a nossa fé: Deus é bom; “Deus é amor” (1Jo 4,8); Deus nos criou para amar, para sermos felizes; Ele está mais interessado, mais empenhado do que nós na nossa felicidade. Além disso, é todo poderoso: “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37), “O Senhor é o meu Pastor, nada me falta” (Sl 23,1). Que poderemos temer, como perderemos o otimismo e a alegria se realmente nos deixarmos conduzir?

Esforcemo-nos para sustentar estas verdades fundamentais que nos ajudarão a tomar a verdadeira *atitude* perante a vida. As atitudes são mais importantes do que os fatos. Os acontecimentos mudam de cor e de consistência de acordo com as atitudes que assumimos perante eles. Para todos nós existem auroras e crepúsculos, alegrias e dores, sombras e luzes, acontecimentos deprimentes e fatos estimulantes, mas nós os avaliamos de modo completamente diferente, conforme a mentalidade de cada um.

Uns se lamentam por não conseguirem o melhor; outros, na mesma situação, alegram-se por serem poupados do pior. Aqueles pensam no bem de que foram privados, estes reparam nos males que não os atingiram. Os

primeiros entristecem-se porque já desfrutaram de metade das suas férias, os outros vibram porque ainda lhes resta a outra metade. O mesmo fato adquire uma relevância bem diferente de acordo com as atitudes mentais que parecem condicionar a vida humana: o otimismo e o pessimismo.

Reparemos que com a mesma uva se obtém o vinho e o vinagre. Mas temos que tomar uma decisão. No nosso coração não cabem dois lagares, dois tipos de fermentação; ou escolhemos o vinagre da amargura, ou preferimos o vinho da alegria. A cada um de nós cabe fazer a própria e personalíssima opção.

Optemos pela alegria. Olhemos tudo pelo lado alegre e positivo.

O que é côncavo de um lado, aparece convexo do outro. Depende só do nosso ângulo de visão. Muitas vezes, um defeito é apenas a sombra projetada por uma virtude, como por exemplo a falta de delicadeza que pode acompanhar um caráter forte e tenaz. Podemos perguntar-nos, então: olhamos para a sombra ou para a virtude? A nossa visão é positiva ou negativa?

Tempos atrás li num evangelho apócrifo – isto é, num evangelho que não tem garantia de veracidade – uma história muito bonita. O Senhor andava com os Seus discípulos por um daqueles caminhos da Palestina; adiante, à beira da estrada, um cachorro morto. Logo surgiram os comentários: “Que aspecto deprimente”, dizia um; “Que cheiro espantoso”, reclamava outro; “Está me dando náuseas”, acrescentava um terceiro. Mas Jesus parou, olhou e disse simplesmente: “Como são brancos os seus dentes! Parecem pérolas”. Era a única coisa que restava da beleza perdida.

A história infantil de Poliana pode nos ensinar muito nesse sentido. Órfã, obrigada a morar com uma tia que não gostava dela e parálitica por causa de um acidente, foi transformando o ambiente à sua volta – família, amigos, toda a vizinhança –, porque estava sempre alegre. Sua alegria provinha do “jogo do contente”, que ela inventara a partir do que lhe havia ensinado o pai: “Não existe mal algum que não tenha uma parcela capaz de nos alegrar”.

Ela ensinava a todos o seu jogo. Assim, por exemplo, quando a empregada lhe disse que todas as segundas-feiras ficava deprimida, Poliana respondeu: “Mas você vai ficar contente; basta pensar que vai passar a semana inteira sem outra segunda-feira”. A empregada riu muito e não voltou a ficar de mau humor.

A tia Paulina, pessimista por princípio, classificava aquilo de “brincadeira idiota”; mas a menina, à força das respostas ingênuas, ganhou tanta fama que atraiu um médico de longe, que a curou e começou a namorar sua tia, convertida enfim ao partido da sobrinha. “Estão vendo como o ‘jogo do contente’ dá certo?”, perguntava a menina. E a tia Paulina: “Sim, não pode imaginar até que ponto dá certo. Graças ao teu acidente vou casar com o Dr. Chilton”. E a sua alegria se traduziu num grande abraço.

Happy end. “Água com açúcar”, poderíamos dizer agora com ironia – a que sempre guarda o homem pessimista: isso só dá certo nos contos de crianças, mas não na vida real.

Pois então poderíamos propor o “jogo dos adultos”. Eis uma receita formidável para isso. Feche-se no seu quarto. Pense concentradamente nos seus cansaços, nas injustiças e nas mágoas que está sofrendo; amasse tudo isso no seu coração durante vinte minutos; junte um pouco dos ingredientes do passado – saudosismo e recalque; misture duas xícaras de apreensão pessimista sobre o seu futuro; acrescente três pitadinhas daquelas pequenas invejas pegajosas; coloque umas cerejinhas de rancor para enfeitar; e leve tudo ao forno da autocompaixão por trinta minutos. No fim, terá um bolo monumental de problemas. A receita é infalível, mas produz uma indigestão mortal. Ganhamos alguma coisa com esse “jogo de adultos”?

É Cristo que nos apresenta o mais forte argumento para, no meio das contrariedades, praticar o “jogo do contente”: “Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor.

Todo ramo que não dá fruto em mim, ele corta; e todo ramo que dá fruto, ele limpa, para que dê mais fruto ainda” (Jo 15,1-2). Deus permite a

contrariedade e a dor para purificar-nos, para podar a nossa vida a fim de darmos mais fruto.

Será que nos negamos a praticar o “jogo do contente” simplesmente porque não enxergamos na poda dolorosa a mão do vinhateiro que fecunda e no corte irritante o bisturi do cirurgião que cura?

Essa atitude positiva, alegre, deve ser cultivada. Temos que lutar para sermos alegres. Isso quer dizer que temos que lutar para não perdermos de vista a estrela, o Ideal: os anos enrugam a pele, mas perder o Ideal enrugam a alma. O Ideal é o que nos dá a vibração, o entusiasmo, *a força da juventude*.

Recordo um acontecimento, aparentemente trivial, que corre paralelo a esta alentadora verdade. Acompanhava a volta ciclística da Itália. Etapa de montanha. Um dia extremamente quente, estafante. A fila multicolor serpenteava os contrafortes dos Alpes. De repente, um dos ciclistas disparou. Parecia que tinham lhe dado uma chicotada. Foi pedalando vigorosamente diante do assombro dos radialistas. Os seus pés martelavam a máquina como o movimento seco e metálico dos pistões de um motor. Era Gino Bartali, ganhador da etapa de montanha com muita vantagem. Foi um grande triunfo.

O entrevistador queria arrancar-lhe o segredo daquela arrancada espetacular. “Bartali, que houve? Você estava, como todos, acabado. De onde veio a força?” “É normal, são coisas do esporte”, respondeu o ciclista querendo desviar a conversa. “Não. Todos nós vimos que alguma coisa aconteceu... Que é que você tomou? Alguém falou em droga”. Bartali teve que falar.

Aconteceu uma coisa muito simples. Estava realmente esgotado. Levantei a cabeça e enxerguei na saliência do cume uma pedra que pareceu desenhar o rosto de minha mãe. Não sei se você vai me entender, mas, naquele momento me veio de golpe a lembrança da sua preocupação pelos meus irmãos mais novos... Eles precisavam que eu ganhasse aquela etapa. O prêmio dos Alpes era muito importante para pagar os seus estudos. Então foi como se me tivessem dado uma injeção de força e energia... Sem saber como, as minhas pernas começaram a pedalar. Cada músculo, cada fibra parecia que

despertava do torpor como se alguém lhes estivesse gritando: “Vamos, temos que ganhar!” Quando ultrapassei a meta, no meio dos aplausos, sabia que aquela etapa tinha sido ganha pela minha mãe...

Nos cansaços da vida, nas depressões do espírito, no abatimento da derrota e também nessa longa monotonia do dia a dia, o vislumbre do Ideal do Amor, do amor autêntico, aquele que não se detém no egoísmo da própria realização, é como um dispositivo que faz brotar a nascente dessa energia *extra* que todos os jovens possuem: um novo entusiasmo, uma nova coragem, uma nova motivação surge do mais fundo de nós mesmos. É isso o que nos realiza.

O Ideal, o amor, ainda que leve ao sacrifício, é a fonte secreta da felicidade. Quando um homem esquecido da sua própria felicidade se lança a realizar um ideal de amor superior a si mesmo, acaba por atrair sem querer a própria felicidade. Como escreve Viktor Frankl,

a felicidade não pode ser procurada, tem que vir ao nosso encontro, e isso só acontece como um efeito colateral, não intencionado, da dedicação pessoal a uma causa mais elevada que o próprio eu, ou como o produto concomitante à entrega a outra pessoa⁴⁰.

O poeta alemão Schiller dizia que a estrela do nosso destino está no fundo do nosso peito. É a estrela da nossa vocação, do nosso ideal de amor. Ao vê-la, brota de nós uma nova energia, como aquela que sentiu Bartali na sua escalada alpina ou como aquela alegria imensa que invadiu o coração dos Magos ao verem a estrela de Belém, que nos indica o caminho da nossa realização eterna em Deus.

O entusiasmo é a expressão externa desse estado de felicidade. É o *radar* que vibra indefectivelmente quando percebe que está na pista que leva ao tesouro escondido na entranha da nossa alma. Uma vibração que é, como dizíamos, o termômetro dessa jovialidade característica de quem tem o futuro inteiro pela frente. Esse entusiasmo juvenil tem mil expressões:

- A alegria do trabalho realizado a fundo.

- A alegria de saber que ultrapassamos a névoa da ignorância, galgando as encostas do verdadeiro e do eficaz, traçando as linhas retas da inteligência e da razão.

- A alegria de compreender que estamos unindo o nosso braço à luta contra a injustiça, a fome, a miséria e a impiedade.

- A alegria própria dos guerreiros que se preparam para as grandes e definitivas batalhas contra o ódio e o egoísmo, na implantação duma nova “civilização do amor”.

- A alegria do dia a dia, do *bom humor* que, unido ao carinho e ao bom senso, é como uma forma superior de inteligência, uma função química que transmuta o caráter dos nossos pensamentos e atitudes, desfazendo as tempestades familiares, desanuviando ambientes carregados, outorgando ao nosso ritmo vital a leveza e a maestria de um cirurgião ou de um piloto.

- A alegria do despreendimento que desnuda a alma de bagagens desnecessárias, para corrermos livres e ligeiros como atletas ao encontro da vitória.

- A alegria que brota desse domínio de si próprio, forte e tenso, que supera o mundo inferior do materialista e do carnal.

- A alegria de viver: de ter radiante o coração, de refletir nos olhos a beleza das cores e das formas, de encher os pulmões do vento das cumeeiras, de sentir a liberdade do mar e a sua brisa batendo no nosso peito.

- A alegria de experimentar a pulsação do universo no calor do nosso sangue e na claridade do nosso espírito.

- E, especialmente, a alegria de amar. De amar esta terra bonita que Deus me deu como patrimônio; de amar os meus irmãos, os homens, os mais pequeninos, pobres e necessitados: a alegria cálida do amor que consiste em dar e dar-se generosamente.

- Enfim, a alegria de caminhar a passos largos o roteiro do meu destino, rumo ao mar da eternidade: a grande alegria da beleza, da perfeição, do poder, da sabedoria, da ternura de um Deus que é, para mim, pai e mãe,

namorada e namorado, infinita e inacabável fonte de onde brota todo o amor existente.

Isto é entusiasmo.

A palavra “entusiasmo” vem do grego *entheos*, que quer dizer precisamente Deus dentro de nós: a força de Deus, a energia de Deus, a vibração de Deus dentro de nós. Compreendemos o que, em última análise, representa a fonte do verdadeiro entusiasmo juvenil, a nascente da esplêndida força da juventude?

[31](#) Santa Teresa, *Obras Completas*, Livro da Vida, cap. XIII, Petrópolis: Vozes, 1961, p. 93-94.

[32](#) Idem, Poesia, cap. XIX.

[33](#) Idem, Livro da vida, cap. IV.

[34](#) Idem, Pensamentos, cap. VII.

[35](#) Cf. João Paulo II, Mensagem aos jovens e às jovens do mundo com motivo da VI jornada mundial da juventude, 18 ago. 1990, n. 03.

[36](#) Citado por Salvador Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Perfil do fundador do Opus Dei*, São Paulo, 1978.

[37](#) São Tomás, *Summa Theologiae* II-II q. 184, a. 2 ad. 3. Cf., a respeito das virtudes exemplares a que a caridade nos chama, I-II, q. 61.

[38](#) Cf. R. Llano Cifuentes, *Egoísmo e Amor*, São Paulo: Quadrante, 1988.

[39](#) Rabindranath Tagore. *Oferenda lírica*. São Paulo: Paulus, 1991.

[40](#) Viktor Frankl, *Man's Search for meaning*, Nova Iorque: Simon & Schuster Incs., 1984, p. 12. [t.n.]

Renovar a vida, a Igreja e a face da terra

A língua portuguesa – a única do mundo – relaciona o *novo* com o *jovem*. Fala-se dos novos como dos jovens. É significativo afirmar que nos renovar é revitalizar a nossa juventude.

Paralelamente, a abertura para “o novo” é uma característica peculiar da juventude. Os jovens gostam do “novo”, sonham com um “novo homem”, uma “nova mulher”, uma nova Igreja. Mas talvez os jovens não saibam que “o novo” com que estão sonhando coincide com “os sonhos de Deus”: a realização do seu projeto original e eterno: “*o novo céu e a nova terra*” (cf. Ap 21,1; 2Pd 3,13).

Renovar a vida! A primeira tarefa para renovar a face da terra, a humanidade, é renovar o pedaço de humanidade mais próximo: cada um de nós.

Os franceses dizem “renovar-se ou morrer”, e nós diríamos “renovar-se é viver”.

Renovar-se por dentro! Renovar as nossas ideias! Não ficar marcando o passo nos lugares comuns; não sermos “repetidores” de velhos conceitos; ir às raízes das verdades essenciais, num sentido progressivo, sem tirar delas a própria identidade, fazendo com que cresçam e evoluam na sua melhor compreensão e explicação.

O imobilismo intelectual e afetivo é cadavérico.

Renovar a nossa vivência interior! Não conviver com a acomodação e com a preguiça; reavivar o amor de Deus, acendendo o fervor nas práticas de piedade, na oração e na vida sacramental.

Renovar o amor! Implantar nas nossas pupilas o próprio amor de Cristo, para enxergarmos os homens como eles são e resgastá-los de sua solidão. Redescobrir o amor afastando toda rotina, toda tibieza, toda essa monotonia que, dia a dia, embaça o nosso olhar.

Renovar a Igreja! Os jovens talvez também desconheçam que a sua linguagem é a linguagem da Bíblia, a linguagem da Igreja.

A Bíblia nos fala do *novo*: o Evangelho é a *Boa Nova* que transforma o “homem velho” no “homem novo” (Ef 2,15; Cl 3,9), para colocar “o vinho novo em odres novos” (cf. Mc 2,22), para lhe “dar um novo nome” (cf. Ap 2,17;3,12) e “um novo cântico” (cf. Ap 5,9;14,3) e ainda ensinar-lhe a viver o sublime “mandamento novo” (Jo 13,34) do amor, vivido por Cristo até a morte.

O papa João Paulo II se refere a uma “nova evangelização”, “nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões”. Ele vê precisamente “na juventude” uma enorme força *renovadora*, símbolo da própria Igreja; e nos jovens transformadores, eficazes e radicais do mundo, os construtores da *nova* civilização do amor.

Na *Christifideles laici* acrescenta:

Os jovens constituem uma força excepcional e são um grande desafio para o futuro da Igreja. Nos jovens efetivamente a Igreja lê o seu caminho para o futuro que a espera e encontra a imagem e o convite daquela alegre juventude com que o Espírito de Cristo constantemente a enriquece. Nesse sentido o Concílio definiu os jovens como “esperança da Igreja”.

Os jovens não devem ser considerados simplesmente como objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de fato e devem ser encorajados a serem sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da *renovação social*.

A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja... Este diálogo recíproco, que se deverá fazer com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil..⁴¹.

A última mensagem do Concílio dirigida à juventude assim se expressa:

A Igreja, durante quatro anos, trabalhou para rejuvenescer o rosto, para corresponder melhor aos planos do Fundador, o grande Vivente, o Cristo eternamente jovem. E ao termo dessa grandiosa “revisão de vida”, ela se volta para vós. É para vós, jovens, para vós sobretudo, que Ela, no Concílio, acaba de acender uma luz: luz que ilumina o futuro, o vosso futuro... A Igreja olha para vós com confiança e amor... Ela possui aquilo que faz a força e o encanto dos jovens: a capacidade de se alegrar com o que começa, de se entregar sem reservas, de se renovar e de sair para conquistas *novas*. E conclama os jovens a viverem a fé, a construir um mundo melhor do que aquele de seus antepassados⁴².

É por isso que acrescentaríamos: “vocês não são apenas o futuro, mas também o presente. Vocês contribuem com valores *novos*, que só a juventude sabe criar e desenvolver. Os jovens são a garantia da juventude da Igreja e da sociedade”.

Compreendemos a nossa responsabilidade?

Triste foi ouvir o que disse um jovem quando foi convidado a ter uma atuação mais comprometida, mais engajada: “para isso terei tempo mais tarde, quando for ‘coroa’; agora deixe que desfrute da minha juventude”. É realmente lamentável que alguém pense que a Igreja serve para amparar a tristeza dos velhos, que as coisas mundanas servem para dilatar a alegria dos jovens, sem compreender que a verdadeira alegria, a verdadeira felicidade, está na plenitude do amor vivido em face do temporal e do eterno, do físico e do espiritual; que ninguém poderá ser realmente feliz aqui na terra se não participar, de alguma maneira, já agora da felicidade do céu; e que ninguém será feliz no céu se não começar, já, a sentir aqui a felicidade antecipada do Amor Eterno.

É lamentável o aspecto que às vezes se apresentam as nossas Igrejas, cheias de velhos. A Igreja está aberta para os jovens – e para os jovens de oitenta anos – e igualmente está aberta para transformar os que se sentem velhos – seja qual for a idade – em homens *novos* que descortinem o esplêndido horizonte de um futuro de Amor Eterno.

A Igreja é para os jovens de todas as idades! Assim também poderemos, renovando a face da Igreja, renovar a face da terra.

Compreendemos a enorme tarefa que nos aguarda na construção dessa “nova civilização do amor”?

João Paulo II, aos pés da Virgem Maria de Czestochowa, rodeado de milhares de jovens, em 15 de agosto de 1991, ensinou-nos a responder a esta pergunta da seguinte maneira:

São tarefas imensas, que requerem corações intrépidos, capazes de *esperar contra toda esperança* (cf. Rm 4,18).

Queridos jovens, não estais sozinhos nesta empresa! Ao vosso lado está Cristo Nosso Senhor, que disse: “Vim lançar fogo à terra e quanto desejaria que já estivesse aceso!” (Lc 12,49). Isto é o que pode temperar vosso coração e fazer que se atreva a afrontar as empresas mais árduas: *o fogo que Jesus trouxe*, o fogo do Espírito Santo, que queima toda miséria humana, todo egoísmo sórdido e todo pensamento mesquinho.

Deixai que este fogo arda em vossos corações.

A Virgem Maria o acendeu em vós...

Levai esse fogo ao mundo todo. Que nada nem ninguém o apague nunca! Que foi para vós Czestochowa? Foi para vós hoje o Cenáculo, um novo Pentecostes: A Igreja, mais uma vez, reunida em companhia de Maria, uma Igreja nova e missionária, consciente da sua missão. Recebei o Espírito Santo e sede fortes! Amém.

⁴¹ Cf. *Chistifidele Laici*, n. 46.

⁴² Mensagem do Concílio Vaticano II aos jovens, AAS 58, 1966, p. 18.

Epílogo

Estou terminando este livro enquanto a juventude do mundo todo está reunida com o Santo Padre Bento XVI, em Madri, para a Jornada Mundial. E em meio a tantas recordações que este evento me traz, fico revendo aqueles milhares de rostos transbordantes de juventude, com efusiva alegria, que participavam dos “Encontros Jovem-Rio”. Evento que era realizado, durante as Jornadas Mundiais, para os jovens que não podiam viajar. Reunidos na Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro, manifestávamos a nossa união ao Papa e à juventude do mundo inteiro. Eram tardes luminosas, repletas de alegria.

A cada ano recebíamos uma carta do Santo Padre João Paulo II que era proclamada sob o júbilo de milhares de jovens. Sempre agradecíamos este gesto amabilíssimo do Papa. No ano 2000 – Ano Santo – escrevemos ao saudoso bem-aventurado João Paulo II:

A Pastoral da Juventude do Estado do Rio de Janeiro, desejando cristalizar em um gesto significativo a nossa admiração e afeição filiais por Aquele que não esconde o seu amor pela juventude, criou o *Encontro Jovem-Rio* para que nesse evento demonstrássemos a nossa união com o Papa nas *Jornadas Mundiais da Juventude*. Na Festa da Assunção, com a catedral repleta de jovens, a mensagem de Sua Santidade foi lida e meditada, acompanhada de cantos de louvor. Os milhares de jovens, presentes na celebração do Jubileu da Juventude, interromperam por diversas vezes, com efusivos aplausos, a leitura da mensagem.

Acompanhei os jovens em algumas jornadas, como as de Toronto e Colônia. Estas experiências ficaram gravadas na minha história e, como bem sei, na de todos aqueles que puderam de algum modo participar.

Levando em conta o grande amor que tenho pela juventude e a minha experiência pastoral nesse sentido, representou para mim uma alegria imensa saber que o Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, será a sede da próxima

Jornada Mundial da Juventude. Penso que este é um momento peculiar para apresentarmos ao mundo a grandeza, os valores, a força da juventude do Brasil.

Por este motivo, gostaria de deixar registrado neste livro as palavras do Santo Padre Bento XVI nesta última jornada, especialmente o anúncio de ser o Brasil o país que sediará a próxima jornada.

Compraz-me agora anunciar que a sede da próxima Jornada Mundial da Juventude, em 2013, será o Rio de Janeiro. Peçamos ao Senhor, desde já, que assista com a Sua força quantos hão-de pô-la em marcha e aplane o caminho aos jovens do mundo inteiro para que possam voltar a reunir-se com o Papa naquela bonita cidade brasileira.

Queridos jovens e amigos de língua portuguesa, encontrastes Jesus Cristo! Sentir-vos-eis em contracorrente no meio duma sociedade onde impera a cultura relativista que renuncia a buscar e a possuir a verdade. Mas foi para este momento da história, cheio de grandes desafios e oportunidades, que o Senhor vos mandou: para que, graças à vossa fé, continue a ressoar a Boa Nova de Cristo por toda a terra. Espero poder encontrar-vos daqui a dois anos, na próxima Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, Brasil. Até lá, rezemos uns pelos outros, dan do testemunho da alegria que brota de viver enraizados e edificados em Cristo. Até breve, queridos jovens! Que Deus vos abençoe! (*Ângelus. Base Aérea de Quatro Ventos, Madri, domingo, 21 de agosto de 2011.*)

Editora: Cristiana Negrão
Assistente editorial: Jocelma Cruz
Capa e diagramação: Tiago Muelas Filú
Preparação: Lilian Miyoko Kumai
Revisão: Patricia Bernardo de Almeida

-

Editora Canção Nova
Rua São Bento, 43 - Centro
01011-000 São Paulo SP
Telefax [55] (11) 3106-9080
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Home page: <http://editora.cancaonova.com>
[Twitter: editoracn](#)

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-257-6

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2011

A photograph of a person wearing a white robe, with their hands held out in a gesture of offering or blessing. The background is a soft, warm light.

Pe. Rufus Pereira
Márcio Mendes (org.)

*Eu
lhes trago
melhora
e
cura*


Canto Nova
EDITORA

Eu lhes trago melhora e cura

Pereira, Padre Rufus

9788553391530

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hoje, Muitas pessoas ignoram a existência e a ação do Inimigo em suas vidas. É preciso enfrentar esses ataques espirituais por meio da oração. Recorrer a Deus é a mais poderosa proteção contra as forças do mal. Na sociedade atual, precisamos entender melhor os ataques espirituais do Inimigo para aprender como nos proteger e resistir a eles. Frequentemente, se o Tentador não consegue nos arrancar das coisas de Deus, ele faz de tudo para nos esgotar por meio de uma tentação ou perseguição a fim de que, pelo abatimento, desistamos de lutar. Esta obra nos traz ensinamentos muito simples e poderosos, através de orientações trazidas pelo Padre Ruffus. Márcio Mendes, organizou cada palavra para que você compreenda e possa aprender com Jesus como encarar e o que são os ataques do inimigo, como eles acontecem, o que devemos fazer para nos proteger deles e como nos livrar de males que já nos atingiram. Trata-se de um caminho simples e profundo que trará amor, alegria e paz para sua vida.

[Compre agora e leia](#)



Márcio Mendes

30
MINUTOS
PARA MUDAR
O SEU DIA

Quando uma simples oração
pode transformar absolutamente tudo

30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio

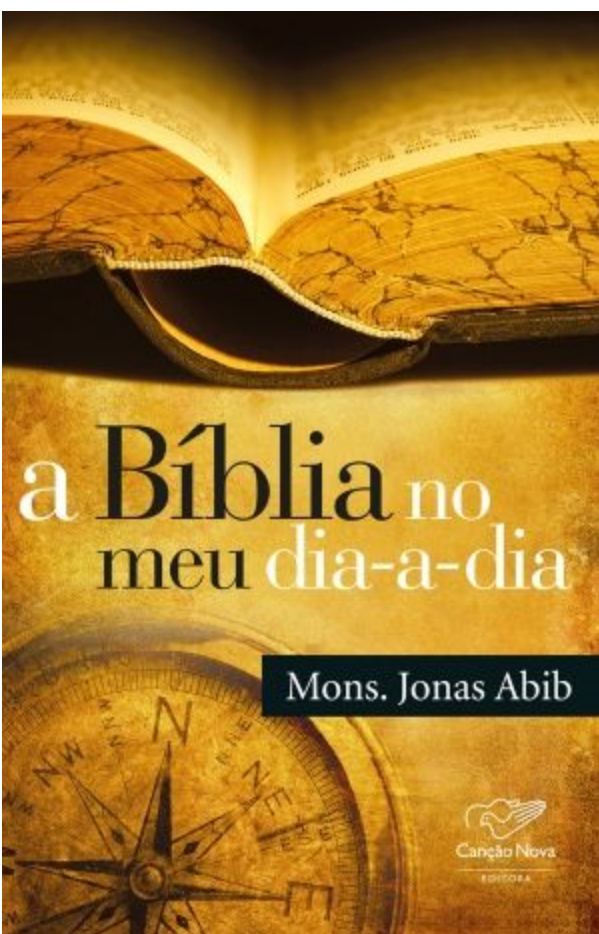
9788576771494

87 páginas

[Compre agora e leia](#)

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

[Compre agora e leia](#)



A Bíblia no meu dia-a-dia

Abib, Monsenhor Jonas

9788576774884

121 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Palavra de Deus, materializada no livro da Bíblia, é uma dádiva para toda a humanidade e para cada um de nós, de maneira muito especial. Contudo, a fim de crescermos em amor com relação à Palavra, é preciso treino e persistência. Em A Bíblia no meu dia-a-dia, Monsenhor Jonas Abib apresenta um excelente método capaz de nos fazer vencedores nessa tarefa. É um "livro de receitas" para todos aqueles que desejam o conhecimento da Palavra de Deus, a intimidade com o seu coração e um encontro verdadeiro com o Senhor.

[Compre agora e leia](#)

Márcio Mendes



*Passos
para a cura
e libertação
completa*

Passos para a cura e libertação completa

Mendes, Márcio

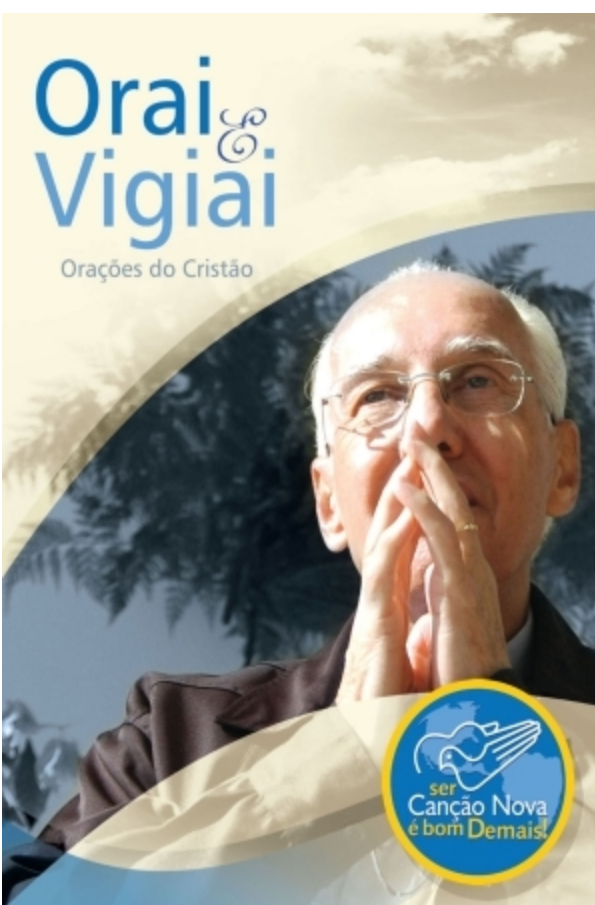
9788576779667

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro vem em auxílio de pessoas necessitadas de cura física, cura interior e libertação, mas também àqueles que, já maduros na fé e na caminhada, sentem-se chamados a orar pelas pessoas que sofrem e precisam de cura e libertação completa, a começar pela sua família. Para todo o tipo de cura do espírito, tenha em mãos o exemplar que te levará para longe de todas as armadilhas do demônio!

[Compre agora e leia](#)



Orai e Vigiai

Abib, Monsenhor Jonas

9788576777977

15 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jesus orava sem cessar; Ele era íntimo do Pai. Observamos isso em várias passagens do evangelho que Ele tão profundamente anunciou. É preciso que também nós busquemos essa intimidade, por isso a Canção Nova, ao completar seus 30 anos a serviço da evangelização, coloca em suas mãos este pequeno livro com algumas das mais tradicionais orações da Igreja Católica. Elas são como uma seta que indicam o caminho que deverá conduzi-los a uma outra oração, aquela que brota do coração, e se abre a ação do Espírito Santo.

[Compre agora e leia](#)